

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

**AUTOESTIMA E AUTOIMAGEM DE MULHERES IDOSAS. SOB O
OLHAR DE PRODUTORAS DE CONTEÚDOS DIGITAIS EM UMA
REDE SOCIAL**

Júlia Ferreira Custódio

**São Carlos
2022**

JÚLIA FERREIRA CUSTÓDIO

**AUTOESTIMA E AUTOIMAGEM DE MULHERES IDOSAS. SOB O
OLHAR DE PRODUTORAS DE CONTEÚDOS DIGITAIS EM UMA
REDE SOCIAL**

Projeto de Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, do Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Carlos, para fins de Exame de Qualificação como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Dimensões Sociais da Ciência e da Tecnologia

Orientador: Professor Doutor Wilson José Alves Pedro.

São Carlos
2022

JÚLIA FERREIRA CUSTÓDIO

**AUTOESTIMA E AUTOIMAGEM DE MULHERES IDOSAS. SOB O
OLHAR DE PRODUTORAS DE CONTEÚDOS DIGITAIS EM UMA
REDE SOCIAL**

Banca Examinadora:

Orientador: Professor Doutor Wilson José Alves Pedro
UFSCar - à distância

Membro Titular: Doutora Brunela Della Maggiori Orlandi
UCB - à distância

Membro Titular: Professora Doutora Luciana de Souza Gracioso
UFSCar - à distância

Membro Suplente: Professor Doutor Henrique Salmazo da Silva
UCB - à distância

Membro Suplente: Professora Doutora Juliana Hotta Ansai
UFSCar - à distância

Data da Defesa: 01/ 09/ 2022

Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**RESUMO**

Introdução: Com o aumento da expectativa de vida, a distribuição etária da população mundial tem se modificado para idades mais avançadas. Junto a essas mudanças, nasceu também a transição epidemiológica e o aumento da feminização da velhice. Estudos recentes têm mostrado que a baixa autoestima e a dificuldade de aceitação da autoimagem entre mulheres com 60 anos ou mais, junto a busca constante por atender estereótipos da sociedade, vêm se tornando comum e capaz de gerar diversos prejuízos biopsicossociais, dentre eles a depressão. Sendo assim, é fundamental que profissionais de diferentes áreas ultrapassem os limites do modelo clínico de atenção, objetivando atender as necessidades de cada pessoa em sua integralidade, com enfoque em ações inovadoras. **Objetivo geral:** compreender e analisar comportamentos, manifestações e posicionamentos de mulheres idosas, produtoras de conteúdos, sobre aspectos relacionais a autoestima e a autoimagem em perfis de uma rede social (Instagram). **Método:** O atual projeto, trata-se de um estudo pluri-metodológico, de natureza qualitativa, descritiva e documental de caráter etnográfico, exploratório e transversal, com enfoque teórico interdisciplinar no campo das Ciências, Tecnologias e Sociedade e, Gerontologia, sendo determinado pela análise, durante um curto período. Relacionado aos aspectos qualitativos, têm por objetivo central a observação da produção de conteúdo e as interações, proporcionadas pelas redes, entre mulheres idosas e seus seguidores nas redes sociais.

Palavras-Chave: Feminização da velhice; redes sociais; plataformas digitais.

ABSTRACT

Introduction: With the increase in life expectancy, the age distribution of the world population has changed to older ages. Along with these changes, the epidemiological transition and the increase in the feminization of old age were also born. Recent studies have shown that low self-esteem and the difficulty of accepting self-image among women aged 60 years or older, together with the constant search to meet stereotypes of society, have become common and capable of generating several biopsychosocial losses, including depression. Therefore, it is essential that professionals from different areas go beyond the limits of the clinical model of care, aiming to meet the needs of each person in their entirety, focusing on innovative actions. **General objective:** to understand and analyze behaviors, manifestations and positions of older women, content producers, on relational aspects of self-esteem and self-image in profiles of a social network (Instagram). **Method:** The current project is a pluviometric study, of a qualitative, descriptive, and documentary nature of netnographic, exploratory and transversal character, with an interdisciplinary theoretical focus in the field of Sciences, Technologies and Society and Gerontology, being determined by analysis, for a short period of time. Related to qualitative aspects, their central objective is the observation of content production and interactions, provided by networks, between older women and their followers in social networks (FONSECA, 2002).

Key words: Feminization of old age; social networks; digital platforms.

APRESENTAÇÃO

Sou Júlia Ferreira Custódio, Gerontóloga por formação e atualmente mestranda em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela UFSCar, no entanto, esses títulos não definem exatamente quem eu sou!

Apaixonada por fotografia, dança, comunicação e pessoas, descobri depois de muito tempo, que, na minha jornada, existe um denominador que sempre me inspirou: “conectar pessoas por meio do compartilhamento de histórias”.

Independente de qual fase da vida eu estava, sempre existiu uma parte de mim que encontrava tempo para ouvir, registrar (principalmente por meio da fotografia) e compartilhar histórias de grandes mulheres ao meu redor, mulheres inspiradoras e que sempre me ensinaram a seguir com garra e lutar pelos meus sonhos como uma verdadeira MULHER.

Portanto, o caminho que sigo hoje não foi pensado estrategicamente... eu simplesmente tenho um sonho: conectar pessoas e ajudar mulheres a contarem as suas próprias histórias. Aos poucos fui fazendo o que podia, o que sentia que era certo, para me aproximar desse sonho.

E hoje por meio de ações como essa, sei que é possível impactar vidas e empoderar mulheres! Sempre acreditei que podemos inspirar pessoas por meio do compartilhamento de experiências expressas em cada história.

Acredito ainda, que a comunicação e informação seja uma ferramenta poderosa de empoderamento, sobretudo para a expressão livre de compartilhamento de ideias e opiniões, e ainda, para o empoderamento feminino... E foi assim que permaneci incentivando mulheres a compartilharem o que elas possuem de mais especial! A singularidade e particularidade de suas histórias.

Nesse processo me envolvi, ao final da graduação em 2018, com temáticas como autoestima e autoimagem de mulheres idosas e dança, o que me levou ao tema do atual projeto. Ao longo do meu estágio, tive a oportunidade de coordenar e ensaiar (devido a minha experiência como bailarina clássica e contemporânea) um grupo de dança sênior em um Centro de Referência do Idoso, localizado no município de São Carlos, onde todas as semanas trabalhávamos por meio de rodas de conversa e aprimoramento coreográfico assuntos sobre autoestima e autoimagem na terceira idade. Neste mesmo ano, este grupo de dança competiu nos Jogos Regionais da Terceira Idade (JORI), com trajes de banho, a fim de reforçar as linhas, curvas e rugas que compõem a beleza de envelhecer.

A opção em iniciar meus estudos pós-graduados a nível de Mestrado em tempos de pandemia, surgiu de um intenso processo de reflexão e sistematização. Aproximando-me dos estudos sociais das ciências e das tecnologias, junto ao Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (2020), os novos aportes teóricos e metodológicos que pude explorar, as interações com o Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas (NIEPS/CNPq) bem como a minha participação no IX Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade, colocou-me num movimento de revisão e definição de tema a ser investigado nesta fase e que ora apresento no projeto a seguir - Autoestima e autoimagem de mulheres idosas. Sob o olhar de produtoras de conteúdos digitais em uma rede social, reconhecendo a relevância da interdisciplinaridade e do campo CTS como um espaço privilegiado e de grande potência para um debate reflexivo e crítico.

Além disso, ao decorrer do mestrado estive em contato com temáticas como: empreendedorismo e liderança feminina, produção de conteúdo e posicionamento de marca nas redes sociais, devido a minha participação em atividades extracurriculares como projetos de extensão universitários denominado Liga de Empreendedorismo de São Carlos (LESC).

Portanto, acredito que se utilizada de forma mais humanizada as redes possuem um grande potencial de nos fazer conectar com diferentes realidades... e por que não por meio delas compartilharmos nossas verdadeiras histórias?

AGRADECIMENTOS

Ao decorrer do tempo pude perceber que para mim a jornada se faz mais importante que o destino propriamente dito. Afinal, ao longo de cada jornada, cada indivíduo pode experimentar as belezas e intempéries da vida, capazes de constituir as singularidades que nos fazem sermos únicos.

Nos últimos anos experienciamos tempos nebulosos e de muitas incertezas, isso devido ao cenário mundial de pandemia. Assim como eu, durante este período, muitas pessoas ao redor do globo vivenciaram a dor do luto, sabendo que com o passar do tempo o que fica são lembranças do passado e uma imensa saudade.

No entanto, o novo contexto em que vivemos, nos fez pensar sobre a forma como: **(1)** nos relacionamos com as estruturas de poder vigentes, entendendo que podemos fazer escolhas conscientes daqueles que nos representam no poder legislativo; **(2)** compreendemos a relação da humanidade com a natureza, e a importância do cuidado; **(3)** aprendemos que empatia diz respeito a ouvir o próximo e entender que ele possui necessidades distintas, mas os mesmos direitos (devendo ser assegurados); **(4)** entendemos que a saúde humana depende de fatores biopsicossociais e que campanhas de prevenção como a de vacinação salvam vidas; **(5)** bem como a ciência, que nos garantiu em tempo recorde o desenvolvimento e a produção de novas vacinas.

Diante do atual cenário mundial, venho hoje agradecer a vida e a conclusão de mais uma etapa da minha jornada.

Agradeço a Deus, meu mestre, por me trazer fé e esperança, mesmo diante dos momentos em que deixei de acreditar, fazendo de mim uma “*talmidim*” imperfeita, mas, digna de sua graça, mansidão, misericórdia e amor.

Agradeço a figura ilustre de minha mãe, mulher forte e determinada, que me proporcionou um ambiente seguro e repleto de carinho, me ensinando desde muito jovem a lutar como uma mulher e conquistar os meus maiores sonhos. Afinal, “nada é tão nosso quanto os nossos sonhos, por isso não tenha medo de sonhar!”.

Aos meus avós que me ensinaram a beleza que se abriga na longevidade. Minha avó, Dona Palmira, que foi exemplo de matriarca, ternura e acolhimento em todos os momentos, me ensinando o valor e importância de cultivar bons momentos junto a minha família e às pessoas que eu amo. E meu avô, Senhor Antônio, que me mostrou o poder de conectar pessoas através de histórias, afinal de contas, todos nós temos histórias para compartilhar. A eles, que partiram durante a pandemia, minhas eternas saudades!

Agradeço a todos aqueles que estiverem na linha de frente dos serviços essenciais, ou até mesmo aqueles que simplesmente não tiveram escolha, mas que deram um show de cidadania e senso de coletividade durante este período tão conturbado de pandemia, sendo verdadeiros heróis.

Agradeço ao professor Wilson José Alves Pedro, meu orientador, pela oportunidade, paciência, ensinamentos e, sobretudo, pela humanidade ao empatizar durante os momentos mais difíceis. Agradeço ainda, a UFSCar por possibilitar momentos de aprendizado e crescimento acadêmico e pessoal.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PPGCTS) por oferecer suporte para a minha formação e evolução. Todos os professores, técnicos administrativos e colaboradores do Programa pelos conhecimentos compartilhados. Aos professores da banca de qualificação pelas contribuições para o desenvolvimento do trabalho. Agradeço ainda a participação de todas as mulheres idosas que serviram de inspiração para a minha pesquisa, me ensinando a beleza da vida e do processo de envelhecer.

E por fim a CAPES por financiar minha bolsa de estudos durante todo o período da minha pós-graduação, possibilitando a minha jornada como pesquisadora e futuramente mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

SUMÁRIO

1. Introdução	13
2. Objetivos	20
2.1. Objetivo Geral	20
2.2. Objetivos Específicos	20
3. Fundamentos Teóricos	21
3.1. Envelhecimento Populacional e a Feminização da Velhice	21
3.2. Revisitando a Gerontologia sob uma Perspectiva da Ciência, Tecnologia e Sociedade	24
3.3. Feminismo e Idadismo sob as Perspectivas Patriarcais pela qual se Constitui a Sociedade	28
3.4. O Imperativo do “Belo” e a Representatividade da Velhice	31
3.5. Interferência dos Estereótipos da Velhice na Autoestima e Autoimagem	37
3.6. Acesso e uso das Tecnologias da Informação e Comunicação por Mulheres Idosas	40
4. Procedimentos Metodológicos	45
4.1. Tipo de Pesquisa	46
4.2. Coleta de Dados	47
4.3. Aspectos Éticos	49
5. Resultados e Discussões	50
5.1. Idosos e a Inserção Gradativa aos meios online e Digitais	60
5.2. Satisfação com a Imagem Corporal	63
5.3. Compartilhamento de Conquistas e Vulnerabilidades	67

5.4. Interação Intergeracional	70
6. Referências	73

Lista de Figuras

Figura 1. Memes escancaram preconceito a idosos na pandemia da Covid-19

Figura 2. Vênus de Willendorf

Figura 3. Vênus de Milo

Figura 4. Gisele Bündchen em comemoração aos 20 anos de carreira

Figura 5. Escala de Autoestima de Stunkard

Lista de Siglas

CTS - Ciência, Tecnologia e Sociedade

C&T - Ciência e Tecnologia

DATASUS - Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde

DCNT - Doenças Crônicas não Transmissíveis

EACH = Escola de Artes, Ciências e Humanidades

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística

OMS - Organização Mundial da Saúde

SBG - Sociedade Brasileira de Geriatria

SBBG- Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia

SESC - Serviço Social do Comércio

TIC - Tecnologia da informação e Comunicação

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura

USP - Universidade de São Paulo

1. INTRODUÇÃO

Seguindo o fenômeno de cenário mundial, o Brasil vem passando por modificações nos padrões etários de sua população por meio da denominada: transição demográfica. Neste sentido, o envelhecimento populacional passa a ser alvo de diversas pesquisas em distintos campos de estudos.

Conforme Giatti e Barreto (2003), em solo nacional a população idosa nos anos 60 constituía 3 milhões de indivíduos, passando para 17 milhões no início dos anos 2000, demonstrando assim, um aumento significativo da população idosa de 600% em um período menor que 50 anos de transição (VERAS, 2007).

Nesse ritmo, em um levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2050 a projeção de alcance da idade média da população idosa será de 81,3 anos, aumentando ainda mais a expectativa de vida da população brasileira (IBGE, 2004).

Apesar do envelhecimento populacional ser um fenômeno de proporção global, cada indivíduo envelhece de forma diferente e única, podendo mudar de acordo com a dinâmica de cada sociedade e de cada cultura (WHO, 2015). Sabe-se que para uma determinada população ser vista como envelhecida o percentual de pessoas idosas deve ser referente a pelo menos 7% do número total de pessoas em uma região específica (ALVES, 2019).

Deste modo, o envelhecimento pode ser considerado como um processo heterogêneo caracterizado pela singularidade e particularidade capazes de modificar aspectos biológicos, psicológicos, culturais, ambientais, econômicos e sociais (NERI, 2008; LIMA, 2018).

Com a diminuição da taxa de natalidade e do aumento da expectativa de vida, outro ponto interessante a ser ressaltado é a transição epidemiológica, marcada pela alteração da configuração dos padrões patológicos. que antigamente eram de caráter infeccioso e hoje são de caráter crônico não transmissíveis (CHAIMOWICZ, 1997; OLIVEIRA, 2019).

A formulação do conceito de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs) surgiu junto a transição de caráter epidemiológico. Fazendo com que a ciências médicas e da saúde desenvolvessem novos estudos para compreender as particularidades das mais diversas doenças, sendo elas de caráter agudo e terminal como o câncer por exemplo, ou ainda, doenças de caráter crônico como o caso da diabetes, hipertensão arterial e, até mesmo, doenças osteoarticulares por exemplo (WEISZ, 2014; SIMIELI et. al., 2019).

Em seu estudo, Weisz (2014) destacou que nos Estados Unidos, durante o governo de Roosevelt, com o *National Health Survey*, foi possível operar um inquérito de avaliação da morbidade (número de casos de uma determinada doença em um conjunto populacional), em vez apenas do número de mortes por população (mortalidade). Em vista dessa mudança de olhar para os padrões patológicos, atores e instituições de ensino, pesquisa e saúde, passaram a pensar em novas ações e estratégias de promoção e prevenção em saúde (WEISZ, 2014).

A transição demográfica em conjunto com as modificações dos padrões de morbidade e mortalidade, destacam ainda uma importante característica das sociedades pós-modernas, a feminização da velhice (OLINTO, 1998; OLIVEIRA, 2019).

A feminização da velhice pode ser definida como: uma maior taxa de mulheres com mais de 60 anos de idade, em detrimento da população masculina com a mesma faixa etária e de uma determinada região geográfica. No Brasil 55% da população com 60 anos ou mais, atualmente é formada por mulheres (CORTE, 2010).

Sabe-se que a feminização da velhice ocorre por conta de inúmeros motivos, sendo os principais deles: (1) maior preocupação com a saúde entre as mulheres, fazendo com que elas busquem mais por atendimentos principalmente relacionado a rotina, prevenção e promoção em saúde e (2) maior ocorrência de mortes por acidentes ou relacionada a brigas dentre a população masculina (BANDEIRA; MELO; PINHEIRO, 2010; MAXIMIANO, 2019).

O campo da ciência que em sua essência se preocupa em estudar e compreender as dimensões atreladas ao processo de envelhecimento populacional em sua complexidade e integralidade, é a Gerontologia (ROSARIO, 2021).

No entanto, o envelhecimento passa também a ser estudado sob a ótica da saúde de modo integral por outros campos do saber, como na Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS). Segundo Pedro e colaboradores (2018), os estudos em CTS "constituem-se no estudo das

interações e determinações sociais da ciência e da tecnologia, em seus fatores sócio-históricos e culturais, que influenciam as mudanças científico-tecnológicas” (PEDRO, 2018).

A inserção da temática do envelhecimento articulada ao campo tem sido fomentada e desenvolvida junto ao campo CTS reafirmando cada vez mais a potência de temas contemporâneos, complexos e interdisciplinares (PEDRO, 2021).

Proporcionar à pessoa com mais de 60 anos o acesso ao convívio social através de meios de interação distintos, é um direito instituído pelo Estatuto do Idoso. Em consonância com o Artigo 21, Parágrafo primeiro, é dever do estado e sociedade garantir ao idoso o pleno acesso aos avanços tecnológicos e formas de utilizá-los, para que assim, seja feita de forma bem-sucedida sua integração com a meio contemporânea (BRASIL, 2003).

Nesse contexto, as áreas que se comprometem a estudar a velhice e suas dimensões devem ter atenção ao acesso da pessoa idosa às novas tecnologias da informação e comunicação (TIC) por meio da internet. Em relação ao uso das TICs, inúmeros estudos apontam resultados favoráveis ao sentimento de pertencimento do idoso à nova realidade, como a diminuição do sentimento de solidão, humor deprimido e ansiedade em idosos que fazem uso dessas tecnologias de forma cotidiana (ORLANDI, 2014; MAXIMIANO, 2019).

Cada vez mais difundida pelas tecnologias, o cotidiano da humanidade se molda em torno dos novos aparatos tecnológicos desenvolvidos e disponíveis no mercado. Tecnologias da Informação e Comunicação como: o telefone, celulares, televisores, computadores, máquinas fotográficas, a internet e suas comunidades difundidas em meio ao digital são características e artefatos que permitiram a nova configuração dos tempos pós-modernos (LIMA, 2021).

Durante a pandemia da COVID-19, período em qual este trabalho foi desenvolvido e redigido, o uso dos aparatos tecnológicos auxiliou muito que pessoas de diferentes partes do mundo, bem como familiares e amigos pudessem manter o contato ao longo do período de isolamento social, acelerando por isso a utilização das TICs ainda mais entre a terceira idade, diminuindo assim as barreiras geográficas e o risco de contágio do vírus (ETCHEMENDY, 2011, PEREIRA NETO, 2021 e PEDRO e cols., 2021).

“A COVID-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021). Em janeiro de 2020 foi declarado o surto epidêmico como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização Mundial da Saúde (OMS) (RIBEIRO, 2020).

Por não existir vacinas para proteger a população, uma das medidas de prevenção foi o completo isolamento social. E a maioria dos estabelecimentos comerciais foram proibidos de abrir. As medidas extremamente restritivas foram necessárias até o desenvolvimento, aprovação e distribuição das vacinas, que foram desenvolvidas, aprovadas e liberadas no segundo semestre de 2021.

Até agosto de 2022, o número total de mortes registradas devido à infecção foi em torno de 6,45 milhões, sendo que no Brasil houve o registro de 682 mil (GLOBAL CHANGE DATA LAB, 2022; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022). Graves impactos também foram evidenciados na saúde mental, tais como estresse agudo, ansiedade, pânico, depressão, sentimentos de solidão e medo (RIBEIRO, 2021).

Contudo, outro ponto muito importante a ser analisado perante a este contexto de COVID-19, está relacionado à transição demográfica e suas modificações socioambientais, comportamentais, econômicas e dentre outros aspectos que permeiam as sociedades pós-modernas. Neste sentido, um fator que vem sendo amplamente estudado é a perspectiva e projeção de vida da população idosa pós Pandemia.

Em uma reportagem da BBC News Brasil, Marcia Castro, professora da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de Harvard, apresentou dados que comprovam uma queda em dois anos de expectativa de vida no ano de 2020. Fazendo assim, com que a longevidade da população brasileira reduza de 76,6 em 2019, para 74,8 em 2020 (SANCHES, 2021).

Em solo nacional, a pandemia da COVID-19 afetou ainda, a realização do Censo Demográfico 2020. Um levantamento nacional que ocorre de 10 em 10 anos. A não realização do censo, faz com que políticas públicas voltadas para minimizar os agravos e efeitos deixados pela COVID não sejam implementadas em sua efetividade máxima, por conta da não compreensão exata das necessidades de cada faixa etária da população afetada e

quais as suas reais defasagens em termos de saúde biopsicossocial, economia, educação, dentre outros aspectos (LEÓN, 2021)

Vale ressaltar que, dentre os grupos de maior risco estavam as pessoas idosas. Público cujo qual foi alvo de sátiras na internet mesmo em contexto de pandemia, evidenciando ainda mais o preconceito etário, como mostrado na imagem abaixo.



Figura 1. Memes escancaram preconceito a idosos na pandemia da Covid-19. Disponível em:

<https://saude.abril.com.br/coluna/chegue-bem/memes-escancaram-preconceito-a-idoso-na-pandemia-da-covid-1>

Por se tratar de um contexto complexo e ainda recente, faltam evidências científicas para embasar os impactos do preconceito etário na pandemia sobre as relações sociais e a autoestima de pessoas idosas. Mas, Salerno et al (2015, p.776) já dizia que:

Na população idosa, as situações de desafetos e rejeições no âmbito familiar e social propiciam o desenvolvimento da baixa autoestima. Somado a isto, as próprias limitações físicas, psicológicas, sociais e ambientais advindas com o avançar da idade podem contribuir para esta condição.

A baixa autoestima entre as mulheres idosas vem numa crescente desde as últimas décadas, entre as causas pode-se afirmar que o atual sistema recusa o velho, incluindo ao envelhecimento a sensação de sofrimento, solidão e fragilidade. As alterações corporais

interligadas ao processo de envelhecimento, promovem a compreensão de uma imagem esperada versus a imagem real, ocasionando um grande choque entre o mundo pretendido, e o mundo existente (LIRA; GUIMARÃES, 2016).

O modo como um indivíduo se enxerga e possui apreço por sua existência e suas conquistas interfere completamente em sua qualidade de vida. A pressão social faz com que mulheres a todo o momento busquem por uma perfeição inatingível, seja em relação ao corpo, ao comportamento, a construção da ideia de uma “boa esposa”, “boa mãe”, e ainda, a ideia de uma mulher “bem-sucedida” em sua escolha profissional, ao decorrer do tempo, se torna capaz de gerar uma não aceitação da própria identidade. Além disso, a baixa autoestima de mulheres promove a não aceitação do processo de envelhecimento e suas modificações, podendo ainda em casos mais graves progredir para depressão (FONSECA et. al., 2014).

Devido a essa imposição da “estética do belo” como fruto de um processo histórico milenar, a todo momento a publicidade e propaganda faz uso de ações do marketing para bombardear suas soluções “milagrosas”, impondo um padrão de beleza inatingível, e reforçando assim, a engrenagem capitalista que move grandes corporações e massacra a diversidade. A fim de romper a estrutura que movimenta essas engrenagens de manipulação de massa, muitas mulheres, incluídas mulheres idosas, utilizam os novos aparatos tecnológicos de informação e comunicação para compartilharem suas experiências de vida e a beleza que se abriga no envelhecer (CARRARA, 2020).

Com isso, ao falar das dificuldades enfrentadas pelas mulheres idosas, devido a uma herança social de uma humanidade constituída sob um modelo patriarcal e machista, a autoestima compõem um cenário de problemáticas atrelada a estereótipos criados para satisfazer a necessidade de um sistema cruel com a diversidade, um sistema cruel com a mulher idosa (CESCO, 2011).

Considerando a importância do avanço de estudos relacionados a feminização da velhice e aos estereótipos sociais atrelados a ela, o presente trabalho de qualificação vinculado ao Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PPGCTS), pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), selecionou como temática de pesquisa a autoestima e autoimagem da mulher idosa com foco na produção e compartilhamento de conteúdo nas TICs.

Com isso, o objetivo geral deste estudo se concentra em compreender e analisar comportamentos, manifestações e posicionamentos de mulheres idosas, produtoras de conteúdos, sobre aspectos relacionais a autoestima e a autoimagem em perfis de uma rede social (Instagram).

Com isso, a presente dissertação se compromete a responder às seguintes questões: (1) “Quem são as mulheres 60 + que utilizam as tecnologias da informação e comunicação?”; (2) “A produção e o compartilhamento de conteúdo nas redes sociais realizado por mulheres idosas ajuda na percepção positiva da representatividade da velhice?”; (3) “Afinal, representatividade importa?”.

OBJETIVOS

2.1. OBJETIVOS GERAIS

No presente estudo busca-se compreender e analisar comportamentos, manifestações e posicionamentos de mulheres idosas, produtoras de conteúdos, sobre aspectos relacionais a autoestima e a autoimagem em perfis de uma rede social (Instagram).

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Caracterizar perfis de mulheres idosas usuárias de plataformas digitais.
- b) Caracterizar aspectos das dimensões subjetivas e sociais com ênfase na autoestima e na autoimagem, extraídos de perfis públicos de mulheres idosas, usuárias de uma plataforma de uma rede social (Instagram).

3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

3.1. ENVELHECIMENTO POPULACIONAL E A FEMINIZAÇÃO DA VELHICE

Nos dias atuais são gradativos os acontecimentos em prol da caracterização de um importante fenômeno de dimensão mundial, que nos ajuda a compreender as configurações da contemporaneidade (ALVES et. al., 2008). A distribuição etária da população vem sofrendo transformações exorbitantes, provenientes da diminuição da fertilidade, queda da mortalidade e aumento da expectativa de vida geral. Sendo este fenômeno conhecido por “transição demográfica” (YOKOTA, 2017).

Ao redor do mundo a transição demográfica encontra-se em diferentes estágios. O envelhecimento populacional promovido por este fenômeno, tem gerado uma reorganização da sociedade em torno de temáticas como: saúde, psicologia, antropologia; rearranjos familiares; políticas públicas; educação; previdência, dentre outras (NASRI, 2008).

Hoje sabemos, que tal processo de transição teve como berço de sua formação o continente Europeu. Durante a Revolução Industrial, a aparição das pílulas anticoncepcionais e o aprimoramento de métodos contraceptivos, proporcionaram expressiva diminuição na taxa de fertilidade da população, que junto às melhores condições de saneamento básico; melhoria na forma de se tratar e prevenir doença; maior movimento rumo a centros urbanos e maior quantidade de mulheres no mercado de trabalho, iniciou-se o processo da inversão da pirâmide etária da forma como a conhecemos atualmente (LEBRÃO, 2007; NASRI, 2008).

A ampliação do número da população idosa é um acontecimento que vem extrapolando as demarcações continentais. Nos países em desenvolvimento, a transição demográfica teve início de forma tardia. No Brasil a taxa de mortalidade começou a diminuir somente em meados dos anos 1940, sendo assim, o aumento da expectativa de vida média da população conseqüentemente se deu de forma mais vagarosa (KALACHE et. al., 1987).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a principal referência utilizada para caracterizar as pessoas que adentram a velhice é o critério cronológico (anos de vida), deste modo, define-se, no Brasil e em países em desenvolvimento, idosa a pessoa com 60 anos ou mais (VERAS, 2009). Entretanto, admite-se que a velhice e suas particularidades só podem ser compreendidas por meio do encadeamento de aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais (CALDAS, 2007).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil vem apresentando um gigantesco crescimento da população idosa ano após ano. Essa fração da população com idade igual ou superior a 60 atingiu 14,3% em 2015 e até 2070 estima-se que este percentual ultrapasse 35% da população do país (IBGE, 2016).

Ligado a essas mudanças na configuração etária, apareceram também transformações nos arranjos epidemiológicos (MOREIRA et. al., 2013). A transição epidemiológica proporcionou modificações nos padrões patológicos, antes dela, as patologias predominantes eram de caráter infeccioso e agudo, contudo, atualmente, as doenças que acometem em predominância a população idosa são denominadas como doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) e possuem em geral caráter progressivo e degenerativo (ALWAN et. al., 2010).

As DCNTs além de representarem risco à vida, representam em geral uma grande ameaça a autonomia e independência daqueles mais longevos. A extensão da vida decorrente da queda de mortalidade e aumento da expectativa média de anos vividos, não garantem qualidade dos anos adicionais (SAAD, 2016).

Consequentemente, o avançar dos anos revela uma grande necessidade: desenvolver técnicas e metodologias de atendimento especializado, a fim de, atender as singularidades do processo de envelhecer. Portanto, envelhecer com qualidade de vida vem se tornando o anseio de muitas pessoas. (SAAD, 2016).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, qualidade de vida é “a percepção do indivíduo de sua inserção na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”. Envolve o bem-estar espiritual, físico, mental, psicológico e emocional, além de relacionamentos sociais, como família e amigos e, também, saúde, educação, habitação, saneamento básico e outras circunstâncias da vida (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013).

Desta maneira, as políticas públicas destinadas à pessoa idosa devem considerar o indivíduo em sua integralidade ao se pensar em saúde, como por exemplo: capacidade

funcional; autonomia; participação social; percepção da imagem corporal, autoestima e satisfação pessoal (VERAS, 2009).

Desta forma, a autoestima e a satisfação pessoal são aspectos indispensáveis para a saúde global, influenciando diretamente na qualidade de vida (MOURA; SOUZA, 2012). A autoestima pode ser definida como um sentimento de apreço e consideração que um indivíduo sente por si próprio, podendo ainda ser composto de sensações de competência, valor pessoal, autorrespeito e autoconfiança (DINI et. al., 2001; WADE, 2019).

Estudos recentes têm mostrado que a baixa autoestima é capaz de gerar graves prejuízos como: medo da rejeição; ansiedade; desconfiança; dificuldades para reconhecer as próprias vitórias, dentre inúmeros outros problemas que podem levar a um estado de humor deprimido ou ainda a depressão (TIAN, 2016).

Ao se tratar de autoestima e autoimagem na velhice, outro fator importante de ser levado em consideração é a parcela da população que vem sendo mais acometida. Certamente as transformações produzidas pelos novos padrões etários da população trazem consigo um conjunto de novas demandas que interligam diferentes setores. E através deste cenário, revela-se a evolução da feminização da velhice. Isto é, a predominância de mulheres com mais de 60 anos em detrimento dos homens com a mesma idade. De acordo com Nicodemo e Godoi, as mulheres integram de modo majoritário a população senescente em todas as regiões do planeta, vivendo em média de cinco a sete anos a mais que a população masculina (NICODEMO; GODOI, 2010; ALMEIDA et. al., 2015).

A razão de gênero que envolve a população idosa no Brasil vem diminuindo de modo considerável, caracterizando assim, uma população majoritariamente feminina. Em uma pesquisa realizada em 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aponta que o contingente da população feminina com 60 anos ou mais era de 2,2%, em 1940; passando para 4,7% em 2000; e por fim, totalizou 6% em 2010. Segundo o Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), essa maior proporção de mulheres pode ser observada em todas as regiões do país (Norte, Nordeste, Sudeste, Sul, Centro-Oeste), assim como Nicodemo analisou em escala mundial (IBGE, 2010; DATASUS, 2012).

No entanto, se faz necessário entender que viver mais não significa viver com mais qualidade. Ainda hoje, com o passar dos anos, as mulheres colecionam problemáticas características de uma sociedade machista e patriarcal como fruto de uma herança histórica.

Podendo ser reconhecidas na violência contra a mulher; na discriminação; na diferença salarial; na jornada dupla ou muitas vezes tripla exercida pelas mulheres; na dependência financeira; nos estigmas e estereótipos sociais atrelados ao sexo feminino; na solidão após a morte de um ente querido, dentre outras (NICODEMO; GODOI, 2010).

Outro ponto preocupante vem sendo a prevalência mundial de transtornos mentais entre indivíduos do sexo feminino, em especial, mulheres com idade avançada, divorciadas e viúvas (PINTO; NERI, 2013). Com a modificação dos arquétipos patológicos, grande parte das mulheres idosas vêm sendo atingidas pelos sintomas do humor deprimido e em casos mais graves pela depressão, muitas vezes agravada pela baixa autoestima e a não aceitação das modificações atreladas à velhice (MOURA; SOUZA, 2012).

As doenças crônicas, bem como a depressão, a não aceitação da velhice e o humor deprimido como possível consequência, não são frutos inevitáveis do processo de envelhecimento (TRENTINI et. al., 2005). Com isso, a atuação na prevenção é a forma mais efetiva e que envolve menos custos para a saúde pública, mesmo nas fases mais tardias da vida. Portanto, o enfoque na prevenção por meio de métodos criativos e inovadores são a solução para fazer com que o sistema ganhe maior eficiência e o idoso possa desfrutar com qualidade da vida em sua integralidade (CHAIM et. al., 2009; ALBERTSON et. al., 2015).

3.2. REVISITANDO A GERONTOLOGIA SOB UMA PERSPECTIVA DA CIÊNCIA , TECNOLOGIA E SOCIEDADE

Em decorrência da transição demográfica vem crescendo, ao redor do globo, o interesse em pesquisa e estudos na área de Gerontologia. No Brasil, os primeiros grupos de estudos sobre temáticas a respeito do envelhecimento iniciaram na década de 50, dentre a classe médica, disseminando assim a Geriatria com a criação da Sociedade Brasileira de Geriatria no início dos anos 1960 (SBG) (LOPES, 2000; MELO et. al., 2015).

Mais tarde, em 1965, a SBG passou a permitir a participação de profissionais de diferentes áreas da saúde, bem como do campo social. E é apenas em 1968 que o termo Gerontologia é importado e utilizado pela SBG, se tornando assim, Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) (LOPES, 2000; MELO et. al., 2015).

Nos anos 70 a visão do envelhecimento como uma preocupação além da clínica médica, fez com que lugares como o Serviço Social do Comércio (SESC) implementassem atividades direcionadas majoritariamente ao público 60+. Preparação para a aposentadoria; atividades voltadas à área educacional, de lazer, cultura, esporte e, divulgação científica em saúde e envelhecimento, foram algumas das ações implementadas, inspiradas em modelos e instituições estrangeiras conceituadas (CACHIONI, 2003).

No entanto, os cursos de especialização em Gerontologia só emergiram de fato, nas universidades brasileiras, ao longo da década de 1990. Com o final da década e o início dos anos 2000 surgiu uma grande movimentação para a implementação da Gerontologia enquanto curso de pós-graduação *stricto sensu*, fugindo um pouco da visão centrada de “saúde” apenas como algo biológico, passando assim, a reconhecer a grande importância trans e multidisciplinar da área (CACHIONI, 2003; NERI, et al., 2011).

Com a finalidade de atender a necessidade de formar profissionais capacitados a olharem para o envelhecimento de modo integral e interdisciplinar, o curso de graduação em Gerontologia no Brasil, foi implementado inicialmente na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH USP) em 2005 e, posteriormente, em 2009 na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) (MELO et. al., 2015).

A graduação em Gerontologia tem por objetivo formar profissionais capacitados e habilitados para incorporarem equipes de saúde por meio de um “olhar gerontológico”. Levando em consideração, o fato de que a assistência à pessoa idosa é uma necessidade urgente no que tange o cenário nacional. Trazendo assim, uma imensa colaboração para a educação e o sistema de saúde brasileiro (EACH, 2008; UFSCAR, 2008).

De acordo com a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (2006):

O sistema de saúde brasileiro tradicionalmente está organizado para atender à saúde materno-infantil e não tem considerado o envelhecimento como uma de suas prioridades. Uma importante consequência do aumento do número de pessoas idosas em uma população é que esses indivíduos provavelmente apresentarão um maior número de doenças e/ou condições crônicas que requerem mais serviços sociais e médicos e por mais tempo (FIRMO et al, 2003). Isso já pode ser notado, uma vez que a população idosa, que hoje representa cerca de 9% da população, consome mais de 26% dos recursos de internação hospitalar no SUS (LIMA et al, 2000). Além disso, é notável a carência de profissionais qualificados para o cuidado ao idoso, em todos os níveis de atenção.

Sabe-se que a interdisciplinaridade leva em consideração que nenhuma área do saber, ou ainda, nenhum conhecimento, é capaz, por si só, de responder às indagações produzidas

pelo homem, fazendo dela uma “sede” incessante por distintas fontes de aprendizagem. Deste modo, a prática interdisciplinar se constitui hoje como um procedimento metodológico indispensável para proporcionar e viabilizar a construção de uma área da saúde biopsicossocial, promovendo assim, numerosas articulações entre diferentes áreas do conhecimento (LODOVICI; SILVEIRA, 2011).

Por meio da visão articulada da totalidade e da compreensão de que cada indivíduo é a somatória de infinitos acontecimentos e possibilidades, a Gerontologia, portanto, é fruto de uma ciência que busca contemplar a multidimensionalidade de saberes. Superando assim, aquela antiga visão fragmentada, hermética e formal de saúde; e adotando uma nova forma não linear de compreender a singularidade e a beleza que se abriga em cada fase da vida. Por isso, se faz importante investigar os estudos gerontológicos sob a ótica e o contexto de outros campos, como é o caso da Ciência, Tecnologia e Sociedade (PEDRO et. al., 2012).

Em busca de uma perfeita harmonia, pode-se dizer resumidamente, que a ciência se preocupa em estudar procedimentos por meio da experimentação, ou ainda, observação da realidade, buscando sempre compreender melhor os mistérios daquilo que nos rodeia. Já a tecnologia, era vista como encarregada de colocar os procedimentos em prática, fazendo o uso de ideias inovadoras. Contudo, atualmente, a tecnologia marca parte integrante da vida cotidiana em sociedade (BAUMGARTEN, 2008),

Por muitos anos, a sociologia do conhecimento tinha como uma de suas raízes o campo das crenças e do senso comum. Especificamente a ciência seguia um fluxo de investigação histórica das descobertas no intuito de buscar por respostas. A trajetória da ciência acompanhava uma lógica própria estabelecida por uma natureza específica do saber científico (PALACIOS, 1994)

Em países da América Latina, a consolidação da Ciência, Tecnologias e Sociedade (CTS), enquanto campo de estudos acadêmicos, surge como reação a uma nova forma de se compreender as relações de impactos sociais da ciência e da tecnologia, por meio de seu caráter multi e interdisciplinar, integrando assim, distintas linhas de pensamentos, áreas do conhecimento e ideologias (LINSINGEN, 2007). No que tange a área educacional, vem surgindo, cada vez mais, programas e estudos em CTS a nível universitário e de ensino médio. Sendo, a investigação acadêmica desta área muitas vezes vinculada também a órgãos como a UNESCO e a Ciência e a Cultura (OEI) (PALACIOS et al, 2001).

Sabe-se hoje que a multi e interdisciplinaridade é formada por um conjunto de saberes e conhecimentos concentrados em campos distintos. No que diz respeito a atividades práticas de ensino, pesquisa e extensão a interdisciplinaridade deve concentrar uma diversidade de esforços teóricos e metodológicos. Conforme Thiesen (2008), “a interdisciplinaridade é um movimento importante de articulação entre o ensinar e o aprender” (THIESEN, 2008).

Pedro e cols. (2018, p. 98), corroboram as teses de autores relevantes do campo CTS (PALACIOS et. al., 2001; ALBORNOZ, 2007; KREIMER, 2007; CUEVAS, 2008) afirmando que “o campo CTS propõe investigar dimensões sociais da ciência e da tecnologia visando apreender os fenômenos do ponto de vista dos seus antecedentes sociais, analisando criticamente suas consequências, ou seja, tanto no que diz respeito aos fatores de natureza social, político e econômico que modulam as mudanças científicas e tecnológicas; quanto ao que concerne às repercussões de natureza ética, ambiental e cultural dessas mudanças. Evidencia-se em seus pressupostos a relevância dos atores sociais no contexto do desenvolvimento científico e na produção e disseminação de artefatos tecnológicos, bem como a democratização da tomada de decisão de questões concernentes à ciência e à tecnologia”

Os estudos CTS começaram a despertar curiosidade ainda nos anos 40, junto a autores como Robert K. Merton, no entanto, a constituição da área começou a tomar forma somente nos anos 60 fora do país, em especial na Europa e Estados Unidos. Contudo, no fim da Segunda Grande Guerra Mundial, anterior à difusão do campo CTS enquanto área de estudo, a sociedade depositava suas esperanças na ciência e tecnologia (C&T) como uma salvação econômica e solução para os demais problemas sociais (BINOTTO, 2012).

Para Sarvo e cols. (2017), o período pós Guerra, datado especificamente entre 1945 e 1991, gerou grande tensão entre as nações, em busca da hegemonia do poder. Neste período de Guerra Fria os avanços científicos e tecnológicos podem ser exemplificados pela corrida espacial e armamentista, bem como pelos grandes desastres de caráter humanitário acarretados pela demonstração de força bélica nuclear. Sendo assim, ao decorrer dos anos 70, com intenção de limpar as marcas deixadas por este período de tensão do pós Guerra, tais acontecimentos foram responsáveis pelo início de uma reformulação nas áreas da C&T (SARVO et. al., 2017).

Como herança deixada por este grande período de tensão, ficou a ideia de que a Ciência e a Tecnologia promovem conhecimentos e sabedorias incontestáveis. Por isso, o próprio campo CTS vem buscando se desvincular dessa fundamentação herdada, afinal de contas, acredita-se que a C&T também estão suscetíveis aos conflitos de interesse, sofrendo interferências da sociedade e do meio onde ela se encontra inserida (BAUMGARTEN, 2008).

Neste contexto, o século XIX é marcado por duas correntes distintas do modelo mecanicista. A primeira delas refere-se a ciências sociais como parcela retirada das ciências naturais, tal visão foi amplamente seguida por Durkheim, já a segunda corrente, muito utilizada por Max Weber e Peter Winch, equivale ao estudo das ciências sociais apoiando-se majoritariamente no ser humano (SANTOS, 2018).

Ao pensar na segunda corrente, Pedro (2018) aponta que a epistemologia - filosofia que se dedica a compreensão da humanidade - dentro da temática CTS vem se concentrando em três direções distintas e complementares, são elas: a pesquisa, as políticas públicas e a educação (PEDRO, 2018). Sendo assim, os estudos de caráter epistemológicos vem passando por transformações, isso devido a inúmeros acontecimentos ocorridos nas últimas décadas, o que nos traz a um novo cenário geopolítico. Fazendo da gerontologia e do envelhecimento humano temáticas a serem revisitadas sob a perspectiva CTS.

3.3. FEMINISMO E IDADISMO SOB AS PERSPECTIVAS PATRIARCAIS PELA QUAL SE CONSTITUI A SOCIEDADE

Os movimentos feministas e suas ondas nasceram a partir de uma perspectiva de ideias libertárias e igualitárias durante o século XVIII, muito influenciado pelos princípios e ideais que constituíram a Revolução Francesa, a qual passou a garantir aos homens um conjunto de direitos até aquele momento inimagináveis (ALVIN, 1983; GIULANI, 2017).

Com o advento das conquistas masculinas de mais liberdade em relação às antigas lógicas de poder exercidas pelo Estado, outros grupos, em especial os grupos minoritários passaram também a questionar a realidade pela qual a sociedade se constitui ao longo da história (GIULANI, 2017).

Culturalmente falando o papel da mulher dentro da sociedade se fortaleceu em torno de uma lógica machista e restritiva, às condicionando assim, a um papel de inferioridade, pelo qual restringe a participação feminina da política, dos processos de tomada de decisões da sociedade em seu aspecto mais amplo, da arte, das ciências, da tecnologia, dos cargos de liderança, da educação, dentre inúmeros outros aspectos em que a voz de mulheres foram sendo silenciadas (BARROS, 2008; MACHADO, 2018).

Apesar de que ao longo da história, diversas mulheres já haviam questionado os seus papéis pré-estabelecidos por homens, com o passar do tempo, e com o processo de expansão de tomada de consciência, esses questionamentos assumiram uma forma mais robusta com o surgimento da primeira onda feminista (MACHADO, 2018).

A cada onda do feminismo, por meio de novas perspectivas e junto a elas novas conquistas o movimento feminista em sua forma mais plural, junto as mulheres, lentamente conseguiram conquistar lugares no espaço público da sociedade que antes não as conferiam nenhum direito enquanto cidadãs (SIQUEIRA, 2018).

De forma resumida, a primeira onda feminista pode ser caracterizada primordialmente pela busca da inserção da mulher no processo de tomada de decisão e pela busca por direitos políticos, como por exemplo o sufrágio universal, conferindo apenas a algumas mulheres da época o direito ao voto. No entanto, se faz de extrema importância destacar ainda, que tal movimento era constituído essencialmente por um grupo seletivo de mulheres brancas, pertencentes à burguesia e que possuíam acesso à educação (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Já a segunda onda feminista passa a ser marcada pela conscientização de que a desigualdade social extrapola muito questões de classe e gênero, incluindo assim novas pautas como a igualdade racial, fazendo o movimento feminista extrapolar aquela visão de direitos assegurados somente a mulheres brancas da classe média, sendo assim, um período fundamental para a reivindicação de direitos por mulheres negras e pobres (SCOTT, 2005).

Em relação a terceira onda feminista, ela pode ser marcada fortemente como uma fase de reconhecimento e ressignificação dos conceitos de gênero ao longo da história, incluindo assim, ao movimento outras formas de se perceber mulher para além das questões biológicas atreladas ao sexo feminino, ou seja, esta onda é marcada pelo reconhecimento da mulher para muito além do sexo feminino (ENGELS, 2016).

E por fim, no que diz respeito à divisão do feminismo por meio de ondas temáticas de concentração ativistas, a quarta onda pode ser caracterizada pela expansão do ativismo no que tange as divisões geográficas e continentais, ou seja, a quarta onda possui um forte caráter de inserção social digital. Diante da contemporaneidade dos tempos, as tecnologias da informação e comunicação assumem um importante papel na discussão de novas ideias, manifestos e na produção de mudanças culturais, não sendo diferente assim, para o movimento feminista (PEREZ, 2019).

Neste sentido, ao compreender melhor o movimento feminista em relação as suas principais fases, é possível perceber que grande parte das pesquisas atuais iniciam as discussões sob a ótica da relevância da cultura digital para os movimentos sociais e ativistas como um todo. No entanto, tal ótica ainda costuma ser muito focada em mulheres jovens, esquecendo assim, de incluir as mulheres idosas, seus direitos e suas necessidades as pautas feministas, fortalecendo deste modo o idadismo (AKOTIRENE, 2019).

O idadismo, em linhas gerais pode ser definido como o preconceito a respeito da população idosa em geral, tal preconceito é capaz de reforçar as desigualdades impostas à população idosa, que em sua grande maioria passa a ser colocada às margens da sociedade e, conseqüentemente, as margens das decisões políticas, as margens das artes, da ciência, da tecnologia, da educação, do lazer e do acessos igualitário a outros direitos fundamentais de um modo geral, naturalizando assim, esta forma de discriminação (SENIORLAB, 2016).

Com isso, devido às transformações em curso na composição populacional, e com ela a maior inserção das mulheres idosas as tecnologias da informação e comunicação, mulheres 60 +, passam a ocupar cada vez mais sua posição de destaque na quarta onda feminista. Tudo isso, sob uma ótica de reivindicação de seus direitos (CASTRO, 2015).

Extrapolando assim, os preconceitos interligados ao idadismo, mas, mais do que isso, rompendo de uma vez por todas laços com uma sociedade capitalista de consumo que faz da mulher fonte de mercadoria e objeto, para uma nova forma ressignificada de enxergar a velhice por meio da beleza de suas histórias, compartilhando assim, seus saberes e incluindo como pauta da velhice assuntos como: aceitação, autoestima e autoimagem, sexualidade na terceira idade, comunicação como direito fundamental e liberdade dos corpos (DÓREA, 2021).

3.4. O IMPERATIVO DO “BELO” E A REPRESENTATIVIDADE DA VELHICE

Conceituar o "belo" não é tema apenas da atualidade, mas sim uma discussão secular. O conceito de belo possui muitos significados, modelos, formas, aspectos e padrões ao longo da história, variando muito de acordo com o tempo e espaço. Pautada em questionamentos profundos, a Filosofia da Arte é uma área do saber que desde a antiguidade é estudada por grandes filósofos como Platão e Aristóteles. De acordo com a concepção Platônica, o “belo” pertence àquilo que ele chamou de mundo das ideias, e a “arte”, deste modo, seria pertencente ao que conhecemos hoje por mundo sensível, logo a própria “arte”, seria para Platão, imitação do “belo”.

A fim de compreender as fontes matriciais do conceito daquilo que conhecemos como “belo”, é preciso adentrar na história e na filosofia. Desde os primórdios da humanidade, diferentes áreas do saber, bem como a arte, se concentram em explicar e retratar a beleza feminina e os paradigmas da “estética do belo”. Ao longo dos séculos, as sociedades têm firmado nos corpos suas expressões culturais, e o estudo da “estética do corpo” como ferramenta de atribuição de significados e construções sociais nos mostra um imenso universo investigativo sobre comportamento, economia, relações interpessoais, história, consumo, dentre inúmeros outros fatores (QUEIROZ, 2004).

Apesar das modificações de arquétipos ao decorrer do tempo, o conceito que atribui beleza a algo ou alguém está associado a representações de imagens que correspondem aos padrões de uma determinada época e uma determinada sociedade. Ou seja, os padrões estéticos se diferenciam de acordo com o momento histórico e os valores que regem determinado grupo de pessoas. (SCHUBERT, 2009; LEAL, 2015). Por exemplo, como fruto de uma influência da filosofia europeia, os conceitos de beleza e estética herdados pelo ocidente, muito enraizados até o século XIX, exaltavam o belo como algo místico ou metafísico (TOLSTÓI, 2019).

Segundo Immanuel Kant: “o belo está associado àquilo que agrada de forma universal”, isto é, os conceitos dos valores importantes para a humanidade, em sua grande maioria das vezes, são constituídos por um determinado grupo de pessoas. Dentro dessa estética peculiar prevalece a universalidade a respeito do “juízo de gosto” a fim de remover a arte e o gosto do espectro do utilitarismo. Este, fortalecido hoje pela indústria da beleza que

gira pelos moldes capitalistas da sociedade. Deste modo, Kant buscou diferenciar o gosto estético da ideia simples de “agrado” e “desagrado” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996).

Nascido em Frankfurt no ano de 1903, Adorno foi filósofo, crítico da alienação do gosto popular e seguidor da linha de pensamento kantiana. Ressaltando assim, que a ideia de “agrado” e “desagrado” partem de um senso-comum que deve ser questionado e evitado; por meio da razão e do pensamento crítico a respeito do “belo” (ADORNO, 1985).

Diferente do que Platão imaginava, hoje vemos o “belo” se materializando no mundo sensível, não só por meio da “arte” como na tradução daquilo que existe no mundo das ideias. Assim como na crítica kantiana e de Adorno, o “belo” se materializa na sociedade contemporânea por meio de uma indústria movida pelo constante desagrado de “ser”, que enriquecem uns em detrimento do adoecimento de outros.

De forma bem ampla, a arte é a capacidade de expressar por meio de um canal o que se pode ou não se observar, e por meio de uma representação, seja ela qual for, fazer com que o espectador sinta distintas emoções. Neste sentido, segundo Tolstói, a arte só pode ser considerada de fato “arte”, se for universal, isto é, podendo ser compreendida e sentida pelo mais pobre camponês ao mais rico comerciante. Sendo assim, diante dessa situação paradoxal a respeito dos processos artísticos, a não acessibilidade e o movimento de elitização da “arte”, a beleza também não se encontra neste processo de universalidade, estando assim, atrelada a padrões muitas vezes inalcançáveis (TOLSTÓI, 2019).

Neste sentido, se faz claro que a beleza é fruto de um constructo social, ditando consigo símbolos, imagens, formas, signos e até mesmo comportamentos aceitos ou não aceitos. No entanto, tal conceito ainda nos revela algo além, por meio da forma como uma sociedade se relaciona com a “estética do belo” é possível identificar os valores enraizados nela (BAKHTIN, 2011). A todo momento os padrões do que é aceitável e agradável aos olhos mudam, aprisionando assim, mulheres à necessidade de se encaixar em estereótipos para se sentirem aceitas.

Por definição da palavra, “estética” é substantivo feminino utilizado para designar a harmonia das formas, cores e sons, partindo do grego, “*aisthesis*”, que significa em sua origem “inspirar” ou “conduzir” (HILLMAN, 1993). Atualmente a “estética” se constitui como: a ciência que se preocupa em estudar o “belo” (SUENAGA et. al., 2012).

Sendo assim, enquanto ciência, a estética é mutável de acordo com o tempo e espaço. Por exemplo, na Grécia Antiga o estudo do “belo” não se constituía a uma reflexão daquilo produzido pela humanidade, para os gregos a verdadeira beleza estava relacionada a perfeição do divino (FUNARI, 2001).

Afrodite, Deusa Grega, ou para os Romanos Vênus, é conhecida como a Deusa da beleza e do amor, representa muitas vezes fertilidade, sexualidade e estética. Ao longo do tempo, sua figura passou a compor centenas de obras de arte espalhadas pelo mundo, permeando o imaginário de muitos desde os primórdios da humanidade.

Ao longo da história, muitos artistas representaram a imagem de uma “Vênus”. Desde muito cedo, quando a espécie humana deixou de ser nômade e passou a constituir raízes em forma de sociedade contemporânea, começaram a se constituir padrões corporais a serem seguidos, nos levando a atender a ditadura dos corpos, atrelada hoje ao consumo desenfreado.

Durante a pré-história, acredita-se que os padrões estéticos mais vislumbrados estavam atrelados ao corpo cuja aparência fosse remetida a ideia de abundância, sexualidade e fertilidade (GLOBO LIVROS, 2019).

Muito bem representada pela imagem de Vênus de Willendorf (Figura 2), também conhecida como Mulher de Willendorf, Vênus é uma escultura de pouco mais de 10 centímetros de altura que representa estilisticamente uma mulher, e um padrão almejado em uma determinada época. Essa escultura foi descoberta pelo arqueólogo Josef Szombathy, em 1908, durante uma escavação realizada em um sítio arqueológico na Áustria, estima-se que a data de sua origem corresponde a aproximadamente 20.000 a.C. (GLOBO LIVROS, 2019).



Figura 3. *Vênus de Milo.* Fonte: *Wikipedia*
Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%A9nus_de_Willendorf

Representada pela ilustre obra Vênus de Milo (Figura 3), estátua da Grécia Antiga, pertencente ao acervo atual de obras localizadas no Museu do Louvre em Paris, França. Considerada o símbolo da beleza feminina clássica, foi esculpida entre os anos 100 e 190

antes de Cristo (a.C.). Atualmente, apesar de sua imagem ser o reflexo de valores de uma época longínqua, em que a beleza feminina estava atrelada a sedução e a divindade, é possível identificar semelhanças nas formas e curvas que a sociedade contemporânea, a arte e as mídias constituem hoje como belo, atrelando assim, a beleza a jovialidade e a corpos magros e esculpidos ou atléticos (OLIVEIRA, 2005).



Figura 3. *Vênus de Milo.* Fonte: Wikipedia
Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%AAnus_de_Milo

Da Grécia homérica ao Renascimento, a beleza feminina além de resgatar a exaltação dos corpos esculpidos pela cultura greco-romana, é fruto de uma sociedade religiosa, androcêntrica e patriarcal. De acordo com Eco (2004), este período da história pode se caracterizar como uma espécie de triunfo da mente masculina sobre o corpo feminino. Assim como na democracia ateniense a mulher não era tida como cidadã, durante o Renascimento as mulheres se constituíram na história como objeto da perfeição criada pelas mãos masculinas, e não como sujeito ativo, em sua grande maioria, da própria criação da arte, literatura ou ciência (ECO, 2004).

Representando um dos mitos clássicos mais curiosos da história, “O Nascimento de Vênus” (Figura 4), de Botticelli, foi encomendada por um grande mecenas, pertencente a uma tradicional família e responsável por financiar muitas obras da época. Nesta pintura, Vênus se caracteriza como mais uma obra que expressa um estereótipo de beleza feminina, quase

pueril, representada pela posição de “Vênus Pudica” (IMBROISI; MARTINS, 2022). Neste sentido, com o avançar da sociedade capitalista de consumo, o Renascimento trouxe consigo um grande fortalecimento da estereotipização de uma beleza idealizada, que faz mulheres de todas as idades até hoje buscarem pela imagem perfeita (DE OLIVEIRA; CIQUINI, 2019).



Figura 4. O Nascimento de Vênus. Fonte: Wikipedia.
Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Nascimento_de_V%C3%AAnus

Tal padrão estereotipado, por muitas vezes anula biotipos corporais diversos, reforçando assim, a insatisfação e desagrado das mulheres em relação à sua própria imagem e, desse modo, fortalecendo os padrões que estampam as capas da maior parte das revistas, e desfilam nos maiores eventos de moda do mundo (De Oliveira; Ciquini, 2019). Os presentes moldes de beleza a serem seguidos levam mulheres a buscarem de forma incessante por um corpo escultural, jovial e irreal, assim como mostra a capa da Vogue Brasil, em abril de 2015, estampada pela modelo Gisele Bündchen (Figura 5).



Figura 5. Gisele Bündchen em comemoração aos 20 anos de carreira. Capa Vogue Brasil, maio de 2015.

Fonte: Vogue Brasil. Disponível em: <https://bitly.com/hfwlk>

A velocidade da evolução tecnológica traz consigo a impressão de um modo, modo que atribuí o passar do tempo, tempo este, que faz cada indivíduo envelhecer (Bauman, 2007). Por conta da constituição do “belo” ao longo da história, o chegar da velhice pode ser marcado por uma não aceitação das marcas do tempo expressas na autoimagem, que descaracterizam a estética de um estereótipo de beleza, levando mulheres a atenderem as exigências impostas pela ditadura dos corpos. A respeito desta questão, Correa (2010) afirma:

Atualmente, a regra é não envelhecer. Não somente a velhice por si só é indesejável, mas a finitude humana também o é. Por isso, o envelhecimento permaneceu na orla social por tanto tempo como uma espécie de tabu, da ordem de um interdito em relação ao qual o silêncio seria o melhor aliado (CORREA, 2010).

Cada vez mais, cremes, procedimentos estéticos e promessas inumeráveis são atreladas ao sentimento de felicidade com a tentativa de manter a juventude. Com isso, ocorre um movimento e preconceito de desvalorização da velhice, suprimindo a subjetividade e singularidade dos corpos, sendo tal movimento, direcionado fortemente ao público feminino, e com o intuito de fortalecer uma sociedade de consumo, vendendo falsas promessas (POCAHY, 2011).

No que diz respeito ao atual contexto, se torna cada vez mais importante compreender a publicidade relacionada ao universo feminino. Segundo Mattelart (1982), a dimensão cultural de uma sociedade pode ser reconhecida pela globalização do consumo e os sistemas manifestados por ela. Sendo necessário explorar como os meios de comunicação e a

publicidade abordam a figura da mulher, em especial, a figura da mulher idosa (MATTELART, 1982). Steinem (1979) aponta que uma das “tarefas” da mulher na sociedade está interligada a forma como ela aparenta ser atraente. Por consequência, a indústria da beleza e moda passam a ser instrumentos de trabalho, assim como desempenhar todo e qualquer cuidado dentro do lar constitui uma atividade doméstica. Deste modo, a autora ainda acrescenta que outras estruturas além da indústria da beleza e moda se beneficiam da utilização de uma imagem estereotipada da mulher, isso ocorre também em estruturas de poder político a fim de atrair público feminino por meio de uma representatividade muitas vezes apenas de fachada (STEINEM, 1979).

Sendo assim, a todo momento a figura feminina passa a ser utilizada em estratégias de propagandas e marketing como objeto embelezador do mercado de consumo. Logo, mesmo com a conquista de alguns direitos pela igualdade feminina perante a uma sociedade patriarcal e a maioria das vezes machista, até hoje, ainda são carregados frutos dessa desigualdade histórica e de opressão (STEINEM, 1979). A ditadura da beleza reafirmada a todo o momento pelo formato capitalista, exige das mulheres diariamente muitos sacrifícios para alcançar prestígio e status, assim como para manterem sua aparência bela, jovem e sedutora. Apesar de uma nova era, no século XXI a publicidade juntamente com as redes sociais passam a ser os grandes ditadores de normas e regras, capazes de convencer o seu público-alvo a mudar hábitos, tendências e costumes (SÁ et. al., 20014).

Deste modo, a contemporaneidade traz as mulheres de diferentes faixas etárias, muitos desafios, a respeito do processo de aceitação, autoestima, autoimagem e seus demais domínios, sendo a mulher idosa duplamente estigmatizada diante dos atuais cenários. Por isso, se faz de extrema importância a construção de novas narrativas a respeito do belo, a fim de construir uma sociedade pautada na singularidade, diversidade e que de fato se preocupe com o bem-estar e a qualidade de vida de todos.

3.5. INTERFERÊNCIA DOS ESTEREÓTIPOS DA VELHICE NA AUTOESTIMA E AUTOIMAGEM

A pouco tempo chegar a fase da velhice era privilégio de poucas pessoas, atualmente, mesmo em países em processo de desenvolvimento vem se tornando comum o avançar da idade, e com isso, o crescimento exponencial da população idosa. Contudo, apesar de tal

conquista, o envelhecimento populacional confere um dos maiores desafios do século XXI. A fim de enfrentar esses desafios de uma forma mais realista, se faz necessário olhar para os estereótipos produzidos pela sociedade a respeito daqueles mais longevos.

A experiência da velhice caracteriza-se por uma série de acontecimentos temporais atrelados a ritos de passagem, implicando em transformações e juízo de valores que apoiados a estigmas e estereótipos sociais, levam a uma profunda reflexão a respeito da autoimagem sobre uma ótica de senso comum dos valores de uma era capitalista (MARTINS, 2013).

O século XX se caracterizou por profundas e radicais transformações, destacando-se o aumento do tempo de vida da população como o fato mais significativo no âmbito da saúde pública mundial. Uma das maiores conquistas da humanidade foi a extensão do tempo de vida (VERAS, 2004).

O sentido negativo atrelado à palavra “velho” é objeto de estudo em diferentes áreas do saber como: a antropologia, sociologia, história e a gerontologia. Nos tempos modernos o termo “velho” passou a ser trocado por idoso ou terceira idade.

Por meio de uma análise histórica, é possível identificar diferentes formas de enxergar o “velho”. Para algumas sociedades, em especial as de cultura oriental, o velho era tido como sinônimo de sabedoria e experiência, transmitindo seus conhecimentos acumulados ao longo da vida àqueles mais jovens. Contudo, a forma de se olhar para a velhice na Grécia antiga, seguia uma visão atrelada a questões socioeconômicas. Por exemplo, homens idosos pertencentes a classes mais abastadas costumavam ser detentores do poder político, econômico e cultural, sendo reconhecidos assim, como detentores da sabedoria; já os homens idosos pertencentes às classes sociais inferiores, eram tidos como inúteis, inválidos e doentes e, no caso das mulheres nem cidadãs eram (FALEIROS, 2007).

Em conformidade com os estereótipos atrelados ao “velho”, até hoje, em alguns lugares o envelhecimento é visto por uma lente reducionista, fazendo com que os declínios naturais deste processo sejam temidos por aqueles que adentram a velhice. A forma como cada indivíduo aceita as alterações naturais advindas com o avançar do tempo se torna fundamental para chegar a esta fase com qualidade de vida (GUERRA; CALDAS, 2010).

O amadurecimento da autoconfiança, a manutenção do autoconhecimento e a autonomia, junto a sensação de eficiência e utilidade, são condições que auxiliam a aceitação e adaptação a fase mais tardia da vida (TRIBESS, 2006). No entanto, as frustrações durante a insistência em minimizar, a todo custo, os declínios em decorrência do processo de

envelhecimento, junto às pressões sociais para atingir o padrão de beleza vigente, promove profundos descontentamentos com a própria aparência, afetando assim a autoestima e seus domínios (MATSUO et. al. , 2007).

A autoestima pode ser definida como um sentimento de apreço e consideração que um indivíduo sente por si próprio (ROSENBERG, 1965). Podendo ainda ser composto de sensações de competência, valor pessoal e autorrespeito. Além disso, a autoestima pode ser considerada como uma expressão psicológica que expressa autoconfiança e autorrespeito, estando assim, relacionado com a sensação de bem-estar psicológico (WADE, 2019).

Em contrapartida, estudos recentes têm mostrado que a baixa autoestima é capaz de gerar graves prejuízos como: medo da rejeição; ansiedade; desconfiança; dificuldades para reconhecer as próprias vitórias, dentre inúmeros outros problemas que podem levar a um estado de humor deprimido ou ainda a depressão (TIAN, 2016). Outro ponto importante está atrelado a qualidade de vida, a autoestima costuma estar interligada a subjetividade e a sensação de satisfação com a vida, se tornando assim, um mecanismo indispensável a valorização pessoal e a forma como um indivíduo enxerga suas conquistas e encara os desafios (MEIRA, 2017).

Segundo alguns pesquisadores a autoimagem é um importante componente da autoestima (KAKESHITA, 2008). Podendo ser definida como, a representação corpórea e social de um certo alguém idealizada em sua mente, isto é, a forma pela qual um indivíduo reconhece a sua imagem perante a sociedade em que ele se insere (SCHILDER, 1981). No entanto, é preciso entender que a autoimagem de um indivíduo está em constante mudança, assim, caso não haja uma adaptação a essas modificações ininterruptas inicia-se um longo e dolorido processo de insatisfação com a vida (MOSQUERA, 1976)

Pinquart e Sorensen (2001) declaram que a autoimagem reflete também os papéis sociais ocupados pelo indivíduo ao longo do tempo e espaço onde ele se encontra, e que, a pessoa idosa está fadado ao estigma das sociedades ocidentais de que não existe papel para o velho (PINQUART; SÖRENSEN, 2001). Prevalecendo assim, uma imagem pejorativa de inutilidade associada à velhice, fazendo com que muitos passem a negar o próprio envelhecimento, e assim, a própria forma de ser e se reconhecer VITORELI et. al., 2005).

Por isso, nessa etapa da vida, torna-se cada vez mais importante: (1) trabalhar a consciência corporal; (2) compreender as mudanças associadas aos papéis sociais

desempenhados pelas pessoas idosas; (3) adentrar as estruturas complexas da desigualdade e preconceito, em especial, o ageísmo; (4) entender como a herança histórica afeta a constituição dos tempos modernos e (5) enxergar que um indivíduo deve ser visto de forma integral. Para que só assim, seja possível promover maior aceitação das modificações atreladas à velhice (TRIBESS, 2006).

3.6. ACESSO E USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO POR MULHERES IDOSAS

Ao decorrer da história o termo tecnologia assume diferentes sentidos, com isso, a tecnologia vem sendo retratada pela ótica do trabalho e, muitas vezes também, por meio da produção científica (VERASZTO, 2008). A palavra tecnologia (do grego *τεχνη* - "ofício" e *λογία* - "estudo") pode ser entendida como uma forma de reunir conhecimentos técnicos e científicos, podendo assim, ser representados por ferramentas, processos, aparatos e materiais criados por estes mesmos conhecimentos (COSTA, 2018).

A juventude do século XXI cresceu diante da evolução exponencial tecnológica, ainda na infância os chamados “nativos digitais”, tiveram acesso amplo a grande parte dos aparatos tecnológicos desenvolvidos nas últimas décadas. Hoje sabemos que tais aparatos tecnológicos modificaram as relações interpessoais, a estrutura de raciocínio, a visão de mundo e a forma de aprendizado. Contudo, nem todas as faixas etárias se relacionam do mesmo modo com os aparatos tecnológicos (PRENSKY, 2001).

Com isso, a antropologia passa a considerar a capacidade de fabricar ferramentas como um dos principais eixos do desenvolvimento na evolução da humanidade. Desde os primeiros lapsos de criatividade a sociedade passou a desenvolver instrumentos e aparatos simplificados que com o passar das décadas evoluíram para grandes tecnologias e aparatos complexos. Sendo aqui, os aparatos tecnológicos considerados como uma extensão da inteligência humana, fazendo assim com que as tecnologias se tornem cada vez mais capazes de extrapolar a realidade e as barreiras físico-geográficas (CHARNESS e BOOT, 2009).

Se faz cada vez mais clara a evolução dos meios de comunicação, possibilitando um universo inesgotável de interações e novas formas personalizáveis de desempenhar comunicação (SIMÕES, 2009). Da prensa de Gutenberg à internet, o avanço da

informatização possibilitou o surgimento de comunidades online, e junto a elas, nasceram redes sociais em torno de interesses comuns, possibilitando assim, a criação de uma nova rede de relacionamentos interpessoais e intergeracionais caracterizada por suas estruturas complexas (SCARABOTTO, 2006).

Os novos sistemas de comunicação pautados em redes de relacionamentos vêm sendo marcados pela diversificação, multimodalidade e versatilidade, capazes de compor uma nova forma de lidar com os meios de expressão, transformando por completo a modo como a humanidade vem desempenhando trocas e compartilhamentos cotidianos, trazendo assim, a população maior participação social por meio de aparatos tecnológicos da comunicação e informação (SIMÕES, 2009).

Sendo as comunidades virtuais um espaço para a união de pessoas com as mesmas ideologias e que não necessariamente pertençam ao mesmo espaço geográfico (McKENNA, 1998). De acordo com Levy (1999), o ciberespaço pode ser visto como um fenômeno modificador de relações, gerando interconexão mundial dos computadores, e com isso, favorecendo um universo repleto de informações que comportam incontáveis dados de naturezas distintas, sendo responsáveis por alimentar a infraestrutura da comunicação digital.

Por isso que nas últimas décadas, assim como o envelhecimento populacional vem acontecendo de maneira progressiva e rápida, o desenvolvimento do universo digital e o avanço exponencial das tecnologias da informação e comunicação, fazem com que, aproximadamente um terço da população mundial se encontre online e de forma ativa, utilizando a internet como parte fundamental e indispensável do trabalho, educação, cuidados com a saúde, comunicação e entretenimento (AZEVEDO, 2013).

Entretanto, diante do atual cenário mundial, ainda grande parte dos acessos à internet são realizados pelo público jovem, em sua grande maioria, os conhecidos “nativos digitais”. As diferentes formas de lidar com a tecnologia não são restritas apenas a questões geracionais, homens e mulheres também possuem experiências distintas na utilização de tais inovações (GOBBI; FILHO, 2015).

Essas diferentes formas podem ser observadas por meio das comunidades online, que estão sendo evidenciadas como uma forma de reinserção social, que podem auxiliar as pessoas idosas a serem mais ativas (McKENNA, 1998). Deste modo, duas grandes tendências se unem para compor uma nova forma de enxergar a contemporaneidade, o envelhecimento

populacional e a velocidade da difusão das tecnologias da informação e comunicação, em especial, utilizadas pelo público com 60 anos ou mais (CHEN, 2008).

Em linhas gerais, sabe-se que as inovações tecnológicas não são planejadas para a utilização do público idoso, no entanto podem ser utilizadas por essa parcela da população que segue crescendo em toda a extensão do globo. Apesar do não planejamento das TICs para o uso em larga escala pela terceira idade, inúmeros estudos que relacionam as vertentes de gênero e envelhecimento apontam que o uso das novas tecnologias, podem atuar positivamente na ressignificação e autopercepção das modificações biopsicossociais interligadas a velhice (LEITÃO et al, 2019).

Com base nessas modificações, diversas áreas no campo de estudos Gerontológico estão sendo exploradas. Segundo Coulson (2000), as tecnologias crescem hoje a um nível tão acelerado que vem se tornando cada vez mais difícil compreender, ou ainda, prever suas implicações, a respeito dos efeitos da utilização em larga escala dessas tecnologias no cotidiano de pessoas idosas. Assim, o autor destaca uma nova área de pesquisa e estudos em Gerontologia, denominada por Gerontecnologia (COULSON, 2000).

De forma geral, a Gerontecnologia, é a área do saber que se compromete a entender as relações entre os dispositivos tecnológicos e a adequação a utilização desses aparatos pelo público idoso. Levando em consideração, as consequências dessas relações nos aspectos habitacionais, de saúde, mobilidade, comunicação, trabalho e lazer, a fim de proporcionar uma vida com mais qualidade (COULSON, 2000). Apesar de um terço da população mundial de diferentes faixas etárias estarem conectadas de forma ativa às tecnologias digitais, uma pesquisa realizada em Portugal, no ano de 2012, demonstrou que apenas 5% dos usuários da internet eram compostos pela população com mais de 64 anos (OBERCOM, 2012).

Uma das principais razões da dificuldade da inserção do público idoso na utilização contínua e de larga escala das tecnologias da informação e comunicação são: a (1) ergonomia do produto, que em sua grande maioria não é pensada para a utilização deste público, dificultando o aprendizado, a adesão e aderência dos equipamentos; e ainda, (2) a falta do senso de pertencimento a um mundo novo, por conta dos estereótipos em relação aos papéis sociais desempenhados pela população idosa (MAZZONI; TORRES, 2008).

Com isso, muitos pesquisadores iniciaram os seus estudos em diferentes áreas da Gerontecnologia. Alguns como Mol (2011), tiveram como objeto principal de suas pesquisas a compreensão da ergonomia em sistemas de tecnologia digital, isso para uma melhor utilização do público com 60 anos ou mais. Neste sentido, Mol estudou como tornar mais fácil o uso de dispositivos touchscreen, durante o estudo ele pôde perceber que características simples que melhoram a usabilidade do produto, estavam relacionadas ao tamanho da tela e ícones, bem como a simplicidade do sistema operacional (MOL, 2011).

Nos últimos tempos, em especial com o advento da pandemia disseminada por meio do Sars-Cov-2, proporcionando a Covid-19, ocorreram muitas modificações na forma como a sociedade costumava desempenhar atividades cotidianas, por muito tempo inúmeros serviços considerados não essenciais tiveram seus funcionamentos modificados para o “modelo remoto”. Assim, o mundo passou a vivenciar uma intensa transição para um novo formato atrelado às tecnologias digitais. Pessoas ao redor de toda a extensão do globo, tiveram que aprender de forma rápida a se adaptar ao uso de novos dispositivos e aparatos que facilitassem o desempenho das atividades de vida diária (DE SOUZA et. al., 2020).

Durante todo o período da pandemia, a população idosa sofreu com as consequências geradas por este vírus, por conta do distanciamento social e o isolamento até mesmo de amigos mais próximos e familiares, muitos idosos se veem isolados socialmente de um modo novo, isso devido a dificuldade da utilização das tecnologias da informação e comunicação. Segundo Silva (2008), não possuir acesso às tecnologias, ou ainda, não ser capaz de utilizá-las pode agravar a situação de isolamento social e colocar a população idosa em uma posição de desvantagem, em relação à vida de forma independente (SILVA, 2008).

Com isso, a modernidade desafia a humanidade a aprendizagem contínua ao longo de todo o processo da vida. Por meio da velocidade de inovação dos tempos modernos, se faz necessário olhar para ações inclusivas, principalmente se tratando da terceira idade. Muitos idosos retornam ao ambiente educacional diante do atual cenário, com o intuito de aprimorar suas competências para a utilização prática das tecnologias da informação e comunicação, bem como demais aparatos tecnológicos (LIMA et. al., 2020). A realidade trazida pela pandemia junto ao isolamento social, deliberou que a esmagadora maioria da população deva possuir acesso a Internet. Essa transformação de hábitos não ocorreu em grande parte do mundo de forma orgânica e organizada, mas sim, devido a forma de sobrevivência agora estar interligada ao digital (NETO; FLYNN, 2021).

Conforme aponta Almeida et. al. (2009), a maioria das pessoas idosas possui interesse em utilizar as tecnologias da informação e comunicação, de modo que ao proporcionar suporte ao longo do processo de aprendizagem, se torna possível assegurar resultados positivos fazendo com que mais pessoas dessa faixa etária, sintam-se incluídas as novas demandas da humanidade (ALMEIDA, 2009).

Contudo, apesar das dificuldades e barreiras atreladas a utilização dos atuais aparatos tecnológicos pela terceira idade, existe uma nova movimentação se formando, com isso incontáveis mulheres maduras vem aos poucos transformando as representações sociais da velhice. Nessa nova era digital, muitas mulheres idosas passam a falar de assuntos como feminismo; planejamento familiar; independência financeira; realização pessoal e profissional, trazendo assim características muito distintas a de suas mães (DE FREITAS, 2020).

Sendo assim, em busca de se manterem ativas e de construírem uma nova realidade, inúmeras mulheres idosas adentram ao mundo das redes sociais, a fim de, compartilharem as suas experiências e dar voz a verdadeira realidade atrelada ao processo de envelhecimento. Neste sentido, se faz cada vez mais necessário reconhecer o potencial produtivo e ativo da população idosa, em especial o protagonismo de mulheres maduras, tornando possível uma modificação cultural na forma como a sociedade enxerga o envelhecimento (DE FREITAS, 2020).

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com Barros e Lehfeld (2000), a metodologia e seus componentes correspondem a um agrupamento de mecanismos a serem utilizados no processo de aprendizagem (BARROS; LEHFELD, 2000). Portanto, pode-se entender por metodologia os procedimentos, processos e materiais capazes de caracterizar um conjunto de mecanismos e elucidar um determinado problema ou pergunta de pesquisa, cujo intuito seja esclarecer reflexões de caráter prático ou teórico (MINAYO, 2011).

Para viabilizar a investigação categórica das reflexões sobre a composição e manifestação de grupos sociais na era pós-moderna, foram consolidados novos métodos na literatura acadêmica. Assim, passa a ser possível identificar mudanças na forma de observar e coletar informações e documentos a respeito das novas interações sociais.

Dentro do contexto formado pelas evidências já apresentadas neste estudo sobre transformações dos perfis e comportamentos da sociedade ao longo dos anos, destaca-se a ampla difusão de comunidades digitais, constituídas por pessoas de diferentes partes do globo terrestre, que se reúnem em grupos online, cujo interesse em comum pode ser o consumo de produtos, conteúdos e, opiniões. Ou seja, pessoas que se unem em novas comunidades em um ambiente não presencial permeando temas específicos de interesses comuns (NOVELL, 2010).

Devido a formação dessas novas comunidades, campos já consolidados de pesquisa como o caso da Etnografia, também sofrem modificações para se adaptar às novas exigências

da humanidade. Em sua origem, do Grego “*ethnos*”, significa “nação” e “*graphein*”, significa “escrita”. Sendo assim, a Etnografia é uma metodologia muito utilizada no campo das ciências sociais, primordialmente em disciplinas de Antropologia, na qual seu principal foco é o estudo da cultura e o comportamento de um determinado grupo social (MARCUS, 1991).

[...] muito do que se sabe sobre relações de campo, sobre abertura e direcionamento rumo a um campo e seus membros, sabe-se através da pesquisa etnográfica (ANGROSINO, 2009).

Por isso, em função das novas necessidades acadêmicas de abordar e compreender as novas culturas e comportamentos criados em torno do virtual e da Comunicação Mediada por Computadores (CMC), nasce a Netnografia (NOVELI, 2010).

[...] para continuar a explorar efetivamente alguns dos principais e contínuos problemas da pesquisa etnográfica, (tais como a natureza mundos sociais específicos e sub-culturas; a construção de identidade; as crenças; valores; e visões de mundo subjacentes a ação humana e à vida social; e a experiência da vida do dia-a-dia) os etnógrafos precisam incorporar a internet e a CMC nas suas pesquisas para entender adequadamente a vida social na sociedade contemporânea. (GARCIA et. al., 2009).

Além disso, no que diz respeito ao contexto vivido nos últimos anos, a presente dissertação de mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade, elegeu como tema central de estudo, a autoestima e autoimagem da mulher idosa e a representatividade do segmento sênior, por meio da produção de conteúdo, por influenciadoras digitais 60+, em uma plataforma digital de informação, comunicação e relacionamentos, denominada Instagram.

Considerando assim, a relevância de estudos enfatizados na questão da feminização da velhice, uma vez que, estudos relacionados à mulher idosa e ao envelhecimento feminino ainda são pouco explorados e escassos no Brasil.

Diante do contexto da pandemia do COVID-19, momento o qual este trabalho foi desenvolvido e redigido, propõe-se estudos posteriores, que visem relacionar a questão da autoestima e autoimagem de mulheres idosas, frente a situação de distanciamento social, imposto pelo cenário pandêmico, e como a maior inserção do público idoso em comunidades virtuais pode auxiliar na manutenção da autopercepção positiva dos aspectos relacionais a velhice e suas modificações biopsicossociais.

4.1. TIPO DE PESQUISA

O atual projeto, trata-se de um estudo pluviométrico, de natureza qualitativa, descritiva e documental de caráter netnográfico, exploratório e transversal, com enfoque teórico interdisciplinar no campo das Ciências, Tecnologias e Sociedade e, Gerontologia, sendo determinado pela análise, durante um curto período (julho a agosto de 2022).

Relacionado aos aspectos qualitativos, têm por objetivo central a observação da produção de conteúdo e as interações, proporcionadas pelas redes, entre mulheres idosas e seus seguidores nas redes sociais (FONSECA, 2002).

4.2. COLETA DE DADOS

Ao decorrer do tempo a pesquisa qualitativa vem deixando de ser descrita como aquilo que “não é quantitativo”, e sim, como um campo muito importante de ser entendido e explorado. Este tipo de pesquisa frequentemente se baseia em estudos de casos, coleta documental, investigativa e observação para compreender melhor o objeto de seu estudo (MARCUS, 1991).

O estudo exploratório foi realizado através de investigação bibliográfica em diferentes plataformas de pesquisa, como: Google Acadêmico, SciELO, PubMed e Portal da CAPES. Foram detectados materiais a partir do cruzamento de dados de busca dos seguintes descritores: autoimagem, autoestima, mulheres idosas, envelhecimento, representatividade na velhice, estética do “belo”, influenciadores digitais, redes sociais e tecnologias da informação e comunicação.

Devido a mudanças significativas proporcionadas pela pandemia, o atual projeto de pesquisa também precisou se adaptar à nova realidade. Neste sentido, a coleta dos dados foi realizada de forma 100% online, respeitando assim, as recomendações de distanciamento social. Com a finalidade investigativa foram adotadas três etapas de pesquisa: (1) Fase Documental, (2) Fase Netnográfica, (3) Análise de dados, que serão descritas a seguir.

Fase 1. Pesquisa Documental

Em geral, a pesquisa documental pode ser caracterizada pela investigação de um problema de pesquisa de maneira indireta, fazendo uso de documentos como: imagens, fotografias, vídeos, áudios, sons, textos, conteúdos ou objetos que ainda não passaram por um tratamento de dados analíticos

Em seu artigo, “Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas”, Silva compartilha as principais dificuldades e desafios acadêmicas e científicas atreladas à pesquisa documental, sendo elas atreladas ao estereótipo de não “confiabilidade” da pesquisa devido ao seu grau de “facilidade”, no entanto, segundo Silva, a pesquisa documental pode corroborar com a compreensão de uma determinada temática devido ao seu caráter sintético e investigativo (SILVA et. al., 2009).

Contudo, outro ponto importante destacado por Silva está relacionado a diferenciação das pesquisas bibliográficas em detrimento dos procedimentos e métodos atrelados à pesquisa documental, sendo a principal diferença entre elas a natureza das fontes dos dados a serem estudados (SILVA et. al., 2009).

Portanto, Silva conclui que o documento pode ser todo registro que se remete ao tempo passado, sendo, no caso do atual estudo, a produção de conteúdos digitais em formato textual, fotográfico e midiático, produzidos por mulheres com 60 anos de idade, ou mais, e compartilhados via Instagram.

A escolha de análise da produção e compartilhamento de conteúdos digitais por meio do Instagram, se deu devido ao período de pandemia, onde houve um considerável aumento de idosos utilizando as tecnologias da informação e comunicação, em especial, as redes sociais e de relacionamento. Devido a imposição do distanciamento social, aumentando assim, a necessidade de novos arranjos sociais que atendam as especificidades da população idosa, se torna cada vez mais necessário a criação de novos mecanismos de inclusão digital por meio de ações de saúde pública.

Fase 2. Pesquisa Netnográfica

A fase dois foi composta pela pesquisa netnográfica como adaptação da etnografia, abrangendo às interações sociais de modo virtual, de caráter observacional online, buscando em comunidades virtuais sua fonte de dados (KOZINETTS, 2010, p. 25). Para tal fase, a proposta foi compreender um pouco mais os aspectos das interações intergeracionais que ocorrem no perfil de sete idosas produtoras de conteúdo em uma rede social específica, o *Instagram*.

Fase 3. Análise de dados

A análise das redes sociais compõem um novo paradigma de pesquisa, a fim de, compreender como o comportamento em rede depende das organizações estruturais dos grupos ou comunidades que cada indivíduo se insere, com isso, espera-se obter informações a respeito de: (1) interações intergeracionais, (2) satisfação com a imagem corporal, (3) autopercepção das modificações biopsicossociais atreladas ao processo de envelhecimento. (4) compartilhamento de conquistas e vulnerabilidades, (5) tipo de conteúdo criados (Moda/ Beleza, Comportamento/ Relações Humana, Entretenimento/ Cultura, Culinária e Gastronomia e, Saúde), (6) principais públicos-alvo.

4.3. ASPECTOS ÉTICOS

Para o presente estudo fundamenta-se na Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016, que dispõe das normas de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, não foi necessário o registro e nem avaliação pelo sistema de Comitê de Ética em Pesquisa/ Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CEP/ CONEP).

Em conformidade com o Art. 1º da referida resolução, procedimentos metodológicos que envolvam opinião pública sem identificação dos participantes, pesquisa com informações de acesso e domínio público, que é o caso do presente estudo, pesquisa censitária, banco de dados, textos científicos, entre outros, não são registrados e nem avaliados pelo sistema.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil A

- Influenciadora digital a 4 anos
- 82 anos de idade
- Estilista e Empreendedora
- Assina e cria como estilista uma coleção de lingerie e roupas de ginástica para mulheres idosas
- Palestrante no TEDx São Paulo sobre invisibilidade vs. autoestima na terceira idade

Descrição

“ Sou uma menina de 8.2. que encoraja mulheres a saírem da invisibilidade.”

“Se eu posso, você também pode”

Temática do Conteúdo

- Central: Moda/ Beleza.

- Secundárias: Autoestima e Saúde/ Qualidade de Vida.

Satisfação com a Imagem Corporal

- Perfil incentiva a feminilidade e sexualidade na velhice.
- Aparece ao longo do seu perfil usando as lingerie de sua coleção em diversas fotos.
- Incentiva outras mulheres idosas a buscarem a sua feminilidade e a não se esquecerem de que estão acima das classificações sociais MULHERES.
- Esbanja sensualidade e mostra para outras mulheres como se sentir atraente, bela e confortável com o corpo e suas transformações independentemente da idade.
- Sempre interage via stories sem maquiagem e sem a utilização de filtros.

Compartilhamento de Conquistas e Vulnerabilidades

- Costuma compartilhar histórias de conquistas e superações já vividas.
- Fala sobre novos projetos, apoiando mulheres 60 + a pensarem no futuro - “Seja aos 60, 70 ou 80 anos de idade a gente sempre pode inventar algo e colocar em prática.”
- Levanta a bandeira do empoderamento feminino e da luta por direitos.
- Fala sobre angústias e inquietações que o processo de envelhecimento traz consigo (tristeza, solidão, medo, saudades).
- Reinvenção da velhice - “Se a gente se aposenta aos 60 e vive até 90, o que acontece com os 30 anos que tem pela frente.”

Interação Intergeracional

- Possui seguidores de diferentes faixas etárias, no entanto, a grande maioria são mulheres já na fase adulta e mulheres com mais de 60 anos de idade.

- Possui uma ótima relação via comentários com seus seguidores, sendo possível encontrar incentivos de outras mulheres e compartilhamento de histórias, gerando assim, um ambiente leve para a troca de experiências.

Perfil B

- Influenciadora digital há 8 anos.
- 67 anos de idade.
- Criadora de conteúdo e Empreendedora.
- Palestrante do *Aging 2.0*.
- Fundadora do Café e Prosa.

Descrição

“Te acompanho a viver bem a longevidade.”

“Incentivadora do intergeracional!”

Temática do Conteúdo

- Central: Relações Humanas.
- Secundárias: Qualidade de Vida e Bem-Estar.

Satisfação com a Imagem Corporal

- Se descreve como vaidosa e ama usar batom vermelho.
- Faz questão de postar seus cabelos grisalhos e sempre mostra o processo de transição entre deixar de tingir e os cabelos prateados - *“Assumir o grisalho não é sinônimo de desleixo, é sinônimo de aceitação.”*
- Sempre compartilha retratos deixando as rugas em evidência - *“Sabe aquele momento que você se vê nas fotos e pensa o quanto somos privilegiados e abençoados?. Quando eu me vejo me sinto assim!”*

- Em seus vídeos e lives esbanja muita simpatia, carisma e costuma conversar sobre como se sentir bem com a autoimagem na velhice

Compartilhamento de Conquistas e Vulnerabilidades

- Fala sobre fazer novas descobertas durante a terceira idade, dentre elas uma nova ocupação (empreender) - *"A velhice pode ser uma caixinha de surpresas repleta de novas descobertas, basta a nós vivermos com entrega essa fase tão linda da vida!"*
- Faz uso de suas redes sociais em prol de comunidades voltadas a mulheres maduras e que de alguma forma desejam conversar sobre as aventuras de se envelhecer no Brasil pensando principalmente em temáticas que envolvam características biopsicossociais atreladas ao processo de envelhecimento.
- Traz diversos convidados em suas LIVES para falar sobre os desafios que envolvem a velhice no nosso país, tratando de saúde e prevenção, relações humanas com enfoque na intergeracionalidade, qualidade de vida e autoaceitação.

Interação Intergeracional

- Possui seguidores de diferentes faixas etárias, no entanto, a grande maioria são mulheres já na fase adulta e mulheres com mais de 60 anos de idade.
- Compartilha inúmeros conteúdos abordando a importância da construção de relações intergeracionais dentro e fora das famílias.
- Acredita que as relações intergeracionais são ricas em trocas e aprendizagem de todas as partes. Durante a pandemia promoveu uma série de LIVES para abordar a importância das relações intergeracionais para a população idosa. Na série de LIVES crianças falavam sobre o universo dos avós sob suas perspectivas, promovendo assim um momento repleto de trocas ricas durante um período tão conturbado para a humanidade

Perfil C

- Influenciadora digital a 4 anos.
- 73 anos de idade.

- Agente de segurança aposentada.
- Fez parte do desfile das grisalhas, promovido pelo hype 60 +
- Blogueira e modelo.

Descrição

“Avó, mãe, esposa e profissional.”

“Esteja preparada para viver o agora!”

“Comigo não tem essa de na minha época. Nosso tempo é aqui e agora”

Temática do Conteúdo

- Central: Estilo de vida.
- Secundárias: Moda e Saúde.

Satisfação com a Imagem Corporal

- Para ela a beleza anda junto com a felicidade - “Corpo bonito é aquele que tem a gente feliz dentro”
- Acredita que a beleza se abriga na gratidão pela vida e no respeito que temos para com o nosso corpo, fazendo parte deste respeito, o entendimento das modificações físicas e biológicas atreladas a velhice.
- Sente-se confortável em postar autorretratos deixando transparecer as rugas - “Em uma sociedade que lucra com nossas inseguranças, gostar de si é um ato rebeldia”

Compartilhamento de Conquistas e Vulnerabilidades.

- Compartilha sua trajetória de tratamento e recuperação de um câncer.
- Fala sobre a autocompreensão dos sentimentos e dúvidas que permeiam o processo de envelhecimento.

- Partilha sua reinserção no mercado por meio da produção de conteúdo digital.

Interação Intergeracional

- Possui seguidores de diferentes faixas etárias, no entanto, a grande maioria são mulheres já na fase adulta e mulheres com mais de 60 anos de idade.
- Compartilha sempre a sua visão a respeito de uma base de apoio intergeracional como alicerce para a construção de relações sadias.
- Possui uma ótima relação com seus seguidores - “Depois de me aposentar criei meu blog pessoal para compartilhar a minha história e, desde então, o carinho que recebo me incentiva a compartilhar cada vez mais”

Perfil D

- Influenciadora digital a 6 anos.
- 64 anos de idade.
- Comunicadora e contadora de histórias.

Descrição

“Não existe idade para falar de beleza e saúde.”

“Nos passos da maturidade.”

Temática do Conteúdo

- Central: Relações Humanas.
- Secundárias: Comportamento e Cultura.

Satisfação com a Imagem Corporal

- Compartilha sua rotina de cuidados com a saúde e sua rotina de exercícios físicos - “Enxergo meu autocuidado como um fator diretamente proporcional a minha autoestima”

- Incentiva mulheres de todas as faixas etárias a se relacionarem com a sua imagem e suas curvas - Aproveite para se olhar de forma gentil. Você já teve essa experiência de se olhar no espelho durante um tempo e conversar com você mesma?”
- Diz que a maturidade trouxe um esclarecimento a respeito da forma como ela se enxerga - “Sinto que na maturidade fiz as pazes com o espelho”

Compartilhamento de Conquistas e Vulnerabilidades

- Se descobriu apaixonada por histórias e como elas podem conectar pessoas de diferentes gerações.
- Compartilha sua jornada de busca pela desmistificação dos estereótipos da velhice e os sentimentos que envolvem essa jornada.

Interação Intergeracional

- Possui seguidores de diferentes faixas etárias, no entanto, a grande maioria são mulheres já na fase adulta e mulheres com mais de 60 anos de idade
- Durante a pandemia, devido ao isolamento social, decidiu iniciar um novo projeto, diferente de tudo que já havia feito. Passou a contar histórias para crianças em seu perfil do Instagram. A iniciativa logo de cara foi um sucesso - “As histórias sempre foram uma ótima forma de conectar pessoas mesmo em fases tão distantes da vida!”

Perfil E

- Influenciadora digital a 4 anos.
- 75 anos de idade.
- É um fenômeno nas redes sociais, ganhou visibilidade ao copiar as fotos do perfil da neta.

Descrição

“vovó dos seguiNETES”

“Convido você a viver a sua vida com alegria”

Temática do Conteúdo

- Central: Autoestima/ Aceitação.
- Secundárias: Humor e Bem-estar.

Satisfação com a Imagem Corporal

- Desafia padrões impostos pela sociedade e possui liberdade para posar de lingerie ou nua em fotos do seu perfil - “Afinal de contas, o que mulheres da minha idade devem vestir?”
- Replica fotos icônicas e muitas vezes sensuais com personalidades midiáticas nacionais, dentre inúmeras outras personalidades, trazendo sempre uma forma de repensar na imagem que as mulheres idosas possuem na sociedade.
- Incentiva outras mulheres a se amarem e terem coragem de ser quem elas realmente são, independente da faixa etária.

Compartilhamento de Conquistas e Vulnerabilidades

- Sempre muito ligada nos acontecimentos da atualidade aborda assuntos sobre sexualidade, liberdade de gênero na terceira idade e seus desafios
- Compartilhar inquietações a respeito dos estereótipos atrelados a mulheres ao longo da história e como esses estereótipos perduram na sociedade até hoje
- Levanta a bandeira do feminismo e da luta por direitos para todas as mulheres

Interação Intergeracional

- Apesar da maior parte de seus seguidores serem mulheres maduras, possui muitas seguidoras adolescentes e no início da fase adulta. Isto ocorre devido a sua forma de comunicar por meio de tendências e vídeos que sempre viraliza nas redes.
- Compartilha sempre sua relação com a neta e mostra o segredo para manter-se por dentro das tendências das redes

- Ama estar em contato com mulheres de diferentes faixas etárias - “Compartilhar minha vida com mulheres de diferentes idades me faz sentir-me revigorada”

Perfil F

- Dupla de amigas que fazem sucesso nas redes sociais por unir irreverência, humor e muita desconstrução na forma como produzem e compartilham seus conteúdos
- 80 e 84 anos de idade
- Investem na ideia de conversa de “boteco”, bons drinks, e aquele aconchegante papo entre amigas sem roteiros

Descrição

“Avós da razão”, apresentado por Gilda 80 anos e Sonia 84.”

“Divertir e inspirar, falando de tudo um pouco.”

Temática do Conteúdo

- Central: Bem-estar/ Estilo de Vida
- Secundárias: Humor e Qualidade de Vida

Satisfação com a Imagem Corporal

- Segundo elas, a ditadura da beleza é ainda mais cruel com as mulheres 50 + que precisam a todo momento se afirmarem enquanto mulheres. Por isso, elas buscam falar com naturalidade do corpo e das modificações que advém do processo de envelhecimento - “A maior parte do tempo a ditadura da beleza nos força a desejar o que não temos mais, corpos joviais.”
- Assumem a posição de que a velhice, mais do que nunca, deve ser vista como a libertação dos corpos que foram aprisionados ao longo de uma vida toda - “Precisamos desencadear, a velhice é libertação também!”

Compartilhamento de Conquistas e Vulnerabilidades

- Compartilham de forma bem clara que viver por muitos anos trouxe a elas uma forma peculiar de enxergar o mundo
- Acreditam que a experiência de vida acaba resultando em mais tolerância para encarar algumas circunstâncias - “Ao contrário do que muitos pensam a paciência não vem apenas de um processo de sabedoria e aprendizagem, você vai perceber que ao envelhecer a paciência pode ser fruto da preguiça de aguentar gente chata!”
- Trazem como elemento essencial para conquistar o que desejam o fato de estarem abertas a aprender e mudar sempre

Interação Intergeracional

- Defendem a visão de uma avosidade sem fórmula. Quando o assunto é relacionar-se com outras gerações, elas querem colecionar momentos e criar conexões
- Devido ao fato de compartilharem assuntos diversos (relacionamentos, vida profissional, síndrome do ninho vazio, autoestima, liberdade), tudo isso, de uma forma descomplicada, feito um bate papo entre amigas, elas possuem uma ótima interação com mulheres de diferentes faixas etárias
- Acreditam que a riqueza das interações entre diferentes pessoas, culturas e idades, podem ser uma poderosa chave para a quebra de preconceitos

Perfil G

- Ativista Feminista
- Pré Candidata a Deputada Federal
- 66 anos de idade
- Influenciadora digital a 4 anos

Descrição

“Em defesa pelos direitos de mulheres idosas”

“Na luta por renovação política”

Temática do Conteúdo

- Central: Política
- Secundárias: Ativismo Feminino e Qualidade de Vida

Satisfação com a Imagem Corporal

- “Se prepare, tenha orgulho da sua história, conte com orgulho a sua idade. Deixe escrito pros seus netos. Quando você tem olhos que brilham e sorriso no rosto, ninguém olha suas rugas. E se tiver rugas, tudo bem, pois são suas histórias.”
- Defende que o corpo expressa cada etapa de uma longa jornada de vida pela qual é preciso se orgulhar - “Existe beleza em todas as idades”
- Partilha com seus seguidores seu modo leve de lidar com as modificações físicas do processo de envelhecimento - “Com os meus cabelos brancos surgiu uma nova mulher, repleta de sonhos e poder para ser quem quiser”

Compartilhamento de Conquistas e Vulnerabilidades

- Sempre aborda o assunto de como se reinventar profissionalmente (tendo como uma de suas maiores conquistas a entrada para o mundo da política) - “Com a chegada da velhice, percebi que envelhecer sendo mulher muitas vezes era estar em uma zona de invisibilidade, e por isso, senti que eu deveria lutar mais pelos direitos de mulheres idosas assim como eu”
- Com o Projeto 60 ela incentiva outras mulheres a pensarem na longevidade como um processo natural e gratificante, repleto de nova experiências e novas possibilidades
- Lançou um livro de crônicas onde retrata a velhice com muita beleza e leveza

Interação Intergeracional

- Possui seguidores de diferentes faixas etárias, no entanto, a grande maioria são mulheres já na fase adulta e mulheres com mais de 60 anos de idade

- Encontrou na política uma forma de repensar em intergeracionalidade através de novas políticas públicas
- Acredita que a comunicação nas redes sociais possui um grande potencial de conectar pessoas de diferentes regiões, ideologias e faixas etárias - “Por isso gosto tanto de estar conectada a uma rede online, o universo de conexões com pessoas diversas se torna inesgotável”

5.1. PESSOAS IDOSAS E A INSERÇÃO NOS MEIOS ONLINE E DIGITAIS

O acesso e disseminação da informação está cada vez mais ágil devido ao avanço da tecnologia. O ato de influenciar e ser influenciado nunca esteve tão próximo do cotidiano da humanidade a uma escala tão exponencial. Desde os primórdios, o ato de influenciar pessoas é uma ação intrínseca à humanidade. Com o avanço das tecnologias da informação e comunicação discursos sobre a nova forma de influenciar, que se constitui hoje de modo digital, vem sendo cada vez mais comuns. O fato de inúmeros usuários possuírem perfis ativos em diferentes redes sociais não faz deste usuário um produtor de conteúdo digital, ou ainda, um influenciador digital (CAMARGO et. al., 2017).

O termo influenciador digital passou a ser usado mais comumente no Brasil, a partir de 2015. [...] os influenciadores são aqueles que têm algum poder no processo de decisão de compra de um sujeito, poder de colocar discussões em circulação; poder de influenciar em decisões em relação ao estilo de vida, gostos e bens culturais daqueles que estão em suas redes (KARHAWI, 2017).

De acordo com Camargo (2017), o processo de influenciar nas redes sociais de modo geral, pode ser caracterizado primordialmente por: (1) participação em rede, (2) convergência midiática, (3) interação e, por fim, (4) aproximação entre os influenciadores digitais e seu consumidor, espectador, ou ainda, cliente (CAMARGO et. al., 2017).

Para além dos quatro fatores, Camargo destaca ainda, que os produtores de conteúdos digitais possuem uma posição privilegiada no que tange o estabelecimento de comunidades digitais ao seu entorno, isto através do estabelecimento de vínculos proporcionados por meio de diálogos capazes de promover mudanças de hábitos, novos padrões de comportamento e tendências de consumo em comunidades online ou offline (CAMARGO et. al., 2017).

Com o avanço da era digital e da comunicação em rede, disseminar a informação já não é um imperativo exclusivo das grandes mídias. Sendo assim, atualmente a informação se abriga em quase todo lugar. Ao decorrer do tempo, os grandes canais midiáticos televisivos e

impressos que detinham o monopólio da informação foram perdendo espaço para as produções de conteúdos independentes, e mais centralizadas nos indivíduos singulares e suas experiências a respeito dos mais diversos assuntos.

Atualmente muitas pessoas espalhadas por diferentes regiões do globo, com as mais diversas culturas, atuam de forma profissional com a produção de conteúdo através das redes, tendo muitas vezes os desdobramentos do “EU” e sua individualidade como principal oferta de mercado (KARHAWI, 2017).

Os influenciadores digitais são profissionais cada vez mais procurados por empresas e marcas para divulgar seus produtos e serviços nas mídias online. Esses profissionais conseguiram organizar a audiência de modo segmentado - algo que a televisão nunca conseguiu. Essas qualidades os tornam uma mina de ouro para os publicitários e suas agências anunciarem estrategicamente sem custos exorbitantes (como os praticados pelas mídias convencionais) e que não conseguiam focar audiência e influência (COSTA, 2017).

No que tange o início da jornada de criação de conteúdos digitais voltados para o público feminino os blogs de moda foram os pioneiros, ainda com resquícios dos padrões tradicionais de produção de conteúdo, que aos poucos foram sofrendo modificações e personalizações acompanhando assim, o surgimento e ascensão de outras plataformas como: Youtube, Instagram, Facebook, dentre outras (KARHAWI, 2017).

Tendo em mãos a liberdade de expressar pensamentos e ideias, compartilhar histórias e experiências de vida, cada vez mais mulheres de diferentes idades, crenças, localidades e corpos, foram se apropriando das redes enquanto espaço de representatividade e lutas, debates políticos e de direito, e ainda, fortalecimento de novas comunidades, espaço esse, de fazer ressoar o poder de cada voz.

Para além dos avanços tecnológicos e a ascensão de novas plataformas, a transição demográfica junto a melhora na qualidade de vida tem mantido de forma ativa um grande contingente de mulheres idosas nas redes sociais. Mulheres que já não se contentam com a vida monótona da aposentadoria, e com os estereótipos vinculados ao processo de envelhecimento populacional. Mulheres que procuram por novas atividades e ocupações, novas comunidades, valorização dentro de um novo núcleo social, ou ainda, mulheres que procuram por maior independência seja ela financeira ou intelectual.

A nova fase da velhice faz parte de um universo fortemente informatizado, no qual a informação passa a ser restrita a aqueles que podem e sabem acessá-la. Sendo assim, o uso

das tecnologias passam a ser uma necessidade cotidiana. A nova maturidade vem se tornando digital. E para aqueles que ainda não possuem acesso, ações de inclusão digital devem ser tomadas, seja por meio de iniciativas públicas ou privadas.

As barreiras da inclusão digital do público de pessoas idosas são ainda inumeráveis, como a baixa escolaridade, falta de programas para a inclusão digital e acesso à internet. Essas barreiras podem ser mais graves de acordo com a região do país em que a pessoa idosa se encontra inserida.

Mulheres idosas de diferentes partes do mundo encontraram nas atividades autônomas, no empreendedorismo e no universo digital uma nova forma de se reinventar, tendo seus horários flexíveis, trabalhando de qualquer localidade e podendo compartilhar todas as suas experiências vividas anteriormente. Vale ressaltar que, o cenário mercadológico ainda não está preparado para atuar com a transição demográfica e assim, absorver, qualificar e acolher a mão de obra da população idosa.

As mulheres idosas que tiveram os perfis em rede social avaliados no presente trabalho são claramente exemplo de mulheres que acreditam que os estereótipos atrelados à velhice e impostos pela sociedade não são capazes de definir quem elas realmente são. São mulheres que após os 60 anos de idade, decidiram se reinventar perante os estereótipos impostos pela sociedade, e com isso, manifestar as formas pelas quais gostariam de serem vistas e lembradas.

Podemos dizer que o aumento exponencial na demanda por serviços e produtos que se preocupem com as reais necessidades da população idosa acaba por influenciar ainda mais a representatividade social e econômica do idoso na modernidade. Por isso, é possível assumir que o surgimento das Influenciadoras Digitais Maduras (IDM) emerge da quebra de um antigo modelo tradicional de fazer comunicação e, devido ao caráter pessoal e a proximidade do ouvinte para com os influenciadores, o processo de criar conteúdos digitais vem ganhando cada vez mais força.

Tendo em vista a ascensão do universo de compartilhamento digital e o poder de influência exercido por esses produtores de conteúdo e formadores de novas opiniões, grandes marcas passam a se interessar pelo modelo de parcerias, devido ao grande potencial de mercado vigente. Em uma pesquisa realizada pelo Instituto Locomotiva, torna-se possível

compreender o interesse por trás do mercado em relação a população que vem atingindo idades cada vez mais avançadas (BOURDIEU, 2019).

5.2. SATISFAÇÃO COM A IMAGEM CORPORAL

Sabemos que a partir do momento em que nascemos se inicia o nosso processo de envelhecimento, e com isso, ao decorrer do tempo, cada indivíduo passa por constantes jornadas de modificações, sejam elas internas ou externas, essas modificações geralmente podem variar de acordo com cada fase ou momento vivido, sofrendo ainda grande influência de caráter socioculturais (FREITAS et. al., 2013).

Em linhas gerais a identidade é o conjunto de características que distinguem uma pessoa e, por meio delas passa a ser possível individualizá-la. Contudo, a construção da identidade e processo de singularização não devem ser vistas como um fruto meramente individualizado, apesar das experiências únicas que cada indivíduo vive. Sendo assim, em seu sentido mais amplo a identidade deve ser vista como um conjunto de experiências que possuem lugar na interação e conexão com demais indivíduos da sociedade (SILVA, 2006).

Por isso, segundo alguns pesquisadores, a identidade se nutre da incessante transformação do “EU”, e assim, as imagens sociais e individuais da velhice produzidas por um determinado consenso podem ser associadas a um movimento constante de metamorfose e formação, sendo eles responsáveis pela estruturação da identidade, do “EU”, do “EGO”, do “SELF”, sendo eles responsáveis então pela construção das velhices, no plural, e seu processo individuacionante (CALDAS et. al., 2010).

Ao decorrer da história, para cada época, a sociedade patriarcal vem produzindo modelos de uma valorização exacerbada da estética do belo, assim como, observado por inúmeros filósofos, antropólogos, sociólogos e demais estudiosos de diferentes áreas do saber. Fazendo da beleza enquanto constructo, um ponto extremamente ligado à jovialidade dos corpos.

Tal valorização da beleza como vemos hoje, leva a cada indivíduo, de uma forma diferente, a experimentar uma preocupação com a autoimagem, gerando uma tensão e um constante descontentamento com o próprio corpo, capazes de alimentar um modelo capitalista

e opressor, que impede a liberdade dos corpos, e ainda, fortalece um modelo de consumo que nos ensina desde crianças a pensar que ter é sinônimo de felicidade.

Com isso, a felicidade se resume a ter. Ter o corpo perfeito, o emprego perfeito, o carro do ano, a família perfeita, alimentando assim, a utopia de um sistema doente, capaz de enraizar tendências no lugar de valores, capaz de nos fazer descontentes com aquilo que já conquistamos e nos colocar em uma busca incessante pelo inatingível.

A busca incessante pelo inatingível se estende ao longo da vida, gerando constantes frustrações, e podendo assim, serem vistas de forma intensificada principalmente entre as mulheres, que sofrem grande pressão das heranças históricas, ainda expressas pelo machismo, constituído por uma sociedade falocêntrica, tornando o corpo da mulher um mero objeto à disposição da opinião popular.

Na tentativa de olhar para a influência da estética do belo ao decorrer da vida de mulheres, envelhecer vem sendo relacionado intimamente às perdas, perda de vitalidade, perda de disposição, perda de um status social construído ao longo de uma vida inteira, perda da juventude e por isso, conseqüentemente, para muitas mulheres a perda da beleza.

Deste modo, a construção da identidade e singularidade se torna dependente da construção social daquilo que percebemos como imagem corporal, na qual, as modificações físicas, biológicas, psicológicas e sociais atreladas ao processo de envelhecimento passam a ser marcadores identitários que delimitam o conceito de ser idoso (COSTA, 2012).

Marcadores estes expressos na idade, nas rugas, nos cabelos grisalhos, na pele flácida, no modo de se vestir e se portar completamente impostos pela sociedade das tendências. Os Marcadores, que por sua vez, na velhice, infelizmente continuam a assombrar muitas mulheres, marcadores tidos ainda, por muitas como motivo de vergonha.

O uso de artifícios para enquadrar os corpos a um padrão, de certa forma, fazem parte de uma tentativa de controle, controle das modificações atreladas ao processo de envelhecer, tornando a velhice de forma natural um imperativo indesejável e alimentando cada vez mais o desejo por corpos que ainda estampam revistas, desfilam passarelas e realizam ao decorrer da vida inúmeros procedimentos estéticos e intervenções cirúrgicas para se enquadrar a padrões de beleza pré estipulados pela sociedade e enraizados em nossas memórias (BARROS, 2013).

Para Costa (2004), a visão que a humanidade começa a construir a respeito da identidade está diretamente atrelada ao verbo, “TER”. Diante disso, possuir algo passa a ser confundido com a identidade e processo de individuação, alimentando cada vez mais o universo irreal das aparências, neste universo, o corpo passa a ser exibido como vitrine, fazendo assim, da identidade os próprios atributos físicos, fazendo assim, da velhice o momento mais complexo de mudanças atreladas a imagem corporal (COSTA, 2004).

Na busca pelo rompimento das amarras aprisionantes da estética do belo, muitas mulheres ao redor do mundo iniciam uma mobilização que rema contra a maré de um sistema já engessado por aparências mentirosas, costumes e valores que se transpõem através de preconceitos e opressão das minorias. Contudo, por meio do avanço tecnológico, romper barreiras e se desvincular das amarras passa a ser possível em maior escala de disseminação, devido ao poder do compartilhamento de histórias que muitas mulheres usam como nova ferramenta de ativismo.

As próprias tecnologias que muitas vezes são utilizadas pelo sistema como forma de alimentar os estereótipos, passa também, por meio de novas formas de utilização, a ser capaz de expandir a consciência de forma coletiva. As tecnologias da informação e comunicação, juntamente com as redes sociais, passam assim, a ser instrumento de empoderamento, ativismo, e rompimento das amarras atreladas à estética do belo, juntamente com aquela antiga forma de opinar sobre o corpo feminino.

Deste modo, inúmeras mulheres com mais de 60 anos de idade ressignificam a velhice, sendo vistas, enfim, como protagonistas, e não mais, como coadjuvantes de suas próprias histórias. Nas redes sociais, muitas delas começam a falar sobre aceitação das alterações biopsicossociais atreladas a velhice, autoestima, e as percepções positivas sobre aspectos da autoimagem. Incentivando outras mulheres a iniciarem o mesmo processo de ressignificação da velhice.

A produção individual e personalizada de conteúdo atrelados aos perfis pessoais da nova maturidade, expande a visão antiga e deturpada que os meios de comunicação tradicionais, como a televisão, traziam sobre as mulheres idosas como aquela figura atrelada a canais de culinária, ou ainda, aquela figura que após a aposentadoria passa a exercer apenas papel de cuidado dos netos e filhos.

Junto ao novo jeito de compartilhar a maturidade com a humanidade, idosas aparecem em suas redes exibindo seus corpos, rugas, linhas e curvas, como forma de exaltar suas vivências, e não mais, se escondendo atrás de procedimentos cirúrgicos e estéticos que apaguem de forma invasiva a sua identidade. Enfim, com a nova forma de compartilhar as belezas de se envelhecer, mulheres passam a enxergar a autoestima e a aceitação da própria imagem corporal como elemento imprescindível para a qualidade de vida.

Neste sentido, em termos mais amplos as redes sociais, em especial a internet e suas formas de busca, passaram também a ter importante destaque no âmbito da promoção da saúde. Em um contexto virtual, nas redes sociais, os influenciadores digitais podem exercer papéis fundamentais ao incentivar o cultivo de novos hábitos saudáveis e a olhar um pouco mais para a saúde de modo integrado (DUARTE et al., 2021; VERZANI, 2020).

Com o aumento de pessoas que possuem acesso e utilizam de forma ativa a internet e suas tecnologias da informação e comunicação, vem aumentando cada vez mais a confiança que os usuários depositam nas informações encontradas nas redes sociais.

No entanto, apesar dos aspectos positivos em relação à partilha de histórias e ao posicionamento da nova forma de observar a velhice, é importante atentar-se também ao fato de que qualquer pessoa pode fornecer informações nas redes, o que também pode tornar-se uma influência perigosa (BARROS, 2019).

5.3. COMPARTILHAMENTO DE CONQUISTAS E VULNERABILIDADES

Nada acontece sem que haja um contexto ou experiências de vida, cada indivíduo é composto por uma série de acontecimentos singulares e que se resumem em aprendizagens. Em suma vivemos e nos relacionamos com outras pessoas em comunidades a partir das experiências, sejam elas nossas experiências, ou ainda, a aprendizagem com experiências compartilhadas (SANTOS, 2017).

A partir das experiências, construímos histórias, histórias essas, que resultam de sentimentos, aprendizagens, frustrações, conquistas, vulnerabilidades, amizades, vergonha, partilhas, amizades e demais relacionamentos interpessoais e muitas vezes intergeracionais.

Sendo assim, algumas histórias se tornam tão marcantes a ponto de serem registradas como memórias (GEBARA, 2005).

Quando conheci um pouco mais sobre a importância de contarmos histórias partindo da nossa própria, percebi o quanto temos a aprender com as nossas experiências [...] quando falamos sobre uma vivência em nossa caminhada, damos significado a ela, pensamos sobre ela e, nesse caso, tornamos essa passagem da nossa vida uma experiência formadora (EGGERT, 2017).

Na vida em comunidade grande parte das experiências individuais são partilhadas e passam a ser elementos importantes para novas reflexões. Neste sentido, se faz importante compreender que as experiências são descritas de modo não exatos daquilo que de fato foi vivido. No entanto, apesar de representações, não fiéis exatamente à realidade dos fatos vivenciados, a partilha de histórias entre comunidades e pessoas diversas pode ser fator decisivo para a superação de traumas, e para o senso de pertencimento a um grupo de amigos.

Com o decorrer do tempo, as comunidades foram expandindo os limites continentais e geográficos devido ao avanço das tecnologias da informação e comunicação, que cada vez mais, vem transpondo demarcações fronteiriças e fazendo uso das redes sociais para dar voz a grupos minorizados diante de uma sociedade patriarcal (BLASI, 2017).

Sendo assim, as experiências compartilhadas entre mulheres de diferentes faixas etárias pode refletir em um contexto mais amplo no que de fato é ser mulher dentro de uma sociedade que se constitui por meio de relações hierárquicas de poder (BLASI, 2017).

Dentro deste contexto, enquanto mulheres podemos nos questionar. “Diante de uma sociedade ainda muito machista, as experiências de quem importam?”, esta e inúmeras outras perguntas vêm acompanhando o feminismo e suas ondas ao decorrer das décadas. Tornando assim, a experiência de muitas mulheres desqualificadas para as exigências de uma sociedade tão preconceituosa.

O conceito de experiência é um elemento-chave dentro da teoria e prática feministas porque reconhece o papel que os eventos de nossas vidas e o nosso envolvimento pessoal têm nas formulações teóricas, sejam elas de cunho histórico, político ou teológico. Nossas experiências definem nossa percepção de Deus, de nós mesmas, das pessoas e do mundo à nossa volta. Ao fazer esta afirmação, o feminismo rejeita a assim chamada neutralidade acadêmica, em que se acredita que pode haver um distanciamento entre sujeito e objeto de estudo (DEIFELT, 2003).

5.4. INTERAÇÃO INTERGERACIONAL

Outro ponto imprescindível em relação a análise dos perfis das influenciadoras digitais durante o presente estudo, está atrelado a influência positiva causada por uma rede de apoio intergeracional. Estar rodeado por uma rede de suporte social é muito importante para todos os indivíduos independentemente da faixa etária ou momento de vida.

Para a população com mais de 60 anos de idade, a interação com a rede de suporte social, com destaque maior a rede intergeracional, torna-se possível proporcionar o sentimento de pertencimento e senso de utilidade, auxiliando assim, na forma como a pessoa idosa se percebe presente de forma ativa em uma determinada comunidade (ERBOLATO, 2001).

Tais configurações, nos permitem compreender as relações familiares, profissionais, amorosas e a amizade como importantes redes de suporte social. Em especial, a amizade, como rede de suporte, é propiciada primordialmente pelo estabelecimento de diálogo sobre assuntos diversos, incluindo o compartilhamento de histórias, vivências, aprendizagens, conquistas e vulnerabilidades (ARENDR, 2008).

O elemento político da amizade é que, no diálogo autêntico, cada um dos amigos pode entender a verdade inerente à opinião do outro. [...] ver o mundo [...] do ponto de vista do outro - é uma percepção política por excelência (ARENDR, 2008).

Sendo essa expressão política para Arendt (2008), a troca de opiniões entre pessoas livres e singulares em um ambiente público que permita a liberdade da expressão de ideias e opiniões e, também o compartilhamento de experiências e troca de saberes individuais e coletivos (ARENDR, 2008).

A partir da criação de novas comunidades online, com o auxílio das tecnologias da informação e comunicação, mulheres idosas de toda a extensão do globo puderam expandir suas redes de contato, e com isso compartilharem com outras pessoas, de diferentes faixas etárias, essa nova forma de pensar em maturidade. Com isso, cada vez mais as relações intergeracionais para além das famílias passa a ser realidade.

De forma geral, durante o processo de coleta de dados, foi possível observar que as relações intergeracionais são capazes de propiciar: bem-estar, autoconfiança fortalecimento de laços afetivos, autonomia e autoestima para todos aqueles que se comprometem a

estabelecer vínculos com pessoas diversas, podendo esses benefícios serem ainda mais intensos para as influenciadoras digitais 60+.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a diminuição da taxa de natalidade e mortalidade e o aumento da expectativa de vida, as populações passam a assumir idades cada vez mais avançadas, constituindo assim um processo intenso de transição demográfica e epidemiológica que se transpõem a todos os limites continentais.

Junto ao envelhecimento populacional, a humanidade inicia também um processo cada vez mais intenso de feminização da velhice. Tal fator pode ser estimulado devido a diferenças no modo como homens e mulheres se relacionam durante a vida com situações de exposição a riscos, e, pela forma como mulheres costumam se preocupar muito mais com medidas preventivas de saúde quando comparadas com a população masculina.

Apesar da transição das configurações etárias serem um fator de escala mundial, o aumento da expectativa de vida populacional ainda não pode ser considerado como sinônimo

de envelhecimento saudável ou bem-sucedido. Neste contexto, cada vez mais a humanidade vem buscando alternativas para um envelhecimento ativo e com qualidade de vida.

Se destacando assim a luta de mulheres idosas que buscam, ainda mesmo que na velhice, serem vistas e ouvidas pela sociedade de modo geral. A mulher idosa é um ser repleto de singularidades, devendo ser visualizada perante as suas histórias e memórias únicas composta por experiências, vulnerabilidades e potencialidades, formando assim uma identidade única. No entanto, assim como qualquer indivíduo, a mulher idosa também precisa de atenção especializada, atendimento qualificado e cuidado humanizado.

Na tentativa de ressignificar o envelhecimento, mulheres idosas passaram a utilizar as Tecnologias da Informação e Comunicação por meio da produção de conteúdos digitais, hospedados nas redes sociais, por meio da exposição de novas ideias, novos e antigos conceitos, compartilhamento de saberes, compartilhamento de conquistas e vulnerabilidades, promoção de relações intergeracionais por meio da criação de novas comunidades online, e a aceitação dos processos biopsicossociais atrelados a velhice..

No que tange às modificações de caráter físico, o corpo tem papel fundamental na arquitetura e manutenção da autoimagem, pois, quando um indivíduo se olha no espelho, é possível reforçar uma identidade física e muitas vezes psicológica, promovendo assim, uma maior autoconfiança por meio da aceitação do próprio corpo, traduzido em rugas, marcas, linhas, formas e grisalhos.

A importância dessa voz ativa das mulheres nas redes sociais, vem por meio da quebra de padrões preconceituosos e machistas que ditavam a inferioridade, minoração e a falta de inclusão da mulher idosa da vida em sociedade, das relações intergeracionais, do mercado de trabalho, ou ainda, do afastamento dessa parcela da população de processos decisivos da sociedade, dar espaço de debate e ativismo para uma nova forma de pensar e agir a respeito da maturidade.

Para conversar sobre temáticas importantes sobre: idadeísmo, feminismo, inclusão, direitos sociais, autoestima e autoimagem, aceitação, relações intergeracionais, compartilhamento de histórias, dentre inúmeras outras temáticas, é possível perceber que a sociedade pós-moderna traz consigo cada vez mais perfis, como os quais analisamos no presente estudo.

Dentro da questão de autoestima e autoimagem existem pontos importantes a serem observados tanto no convívio em comunidade, como na produção de conteúdos digitais, que são os pontos relacionados à satisfação da imagem corporal que se concentra na velhice como uma quebra da estética do belo.

Além disso, no que tange o compartilhamento dessas conquistas e vulnerabilidades auxilia também no senso de pertencimento principalmente quando isso ocorre em ambientes comunitários, sejam eles constituídos de modo online ou presencial.

Já em relação a ciência, ter áreas do saber que se preocupam e olham para essas instâncias é importante para embasamento dessas temáticas no quesito de produção científica e disseminação de novas pesquisas, como é o caso da Gerontologia e da Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Com isso, a interdisciplinaridade da Gerontologia, do campo CTS, da filosofia, sociologia, dentre inúmeras áreas do saber aqui utilizadas, foram essenciais até o presente momento para compreender a complexidade da saúde em uma instância biológica, cultura, psicológica, histórica e social. A fim de pensar e promover iniciativas inovadoras para promoção de um envelhecimento saudável.

No que diz respeito à representatividade da mulher idosa, espera-se que cada vez mais as tecnologias da informação e comunicação tenham papel positivo na manutenção de uma autoestima positiva, isso por meio do compartilhamento de histórias, saberes e experiências de vida entre diferentes mulheres vivendo uma mesma fase do ciclo da vida. E assim, promover um compartilhamento pautados no amor, confiança, humildade e esperança

O mundo vive hoje uma era em que os indivíduos estão cada vez mais conectados ao universo de possibilidades oferecidas pelo digital. Com as progressões das tecnologias midiáticas e, em especial, as redes sociais proporcionaram às sociedades em tempos de pandemia e isolamento social facilidade na comunicação, promovendo conexões com pessoas de distintos lugares, de forma a facilitar a construção de novos ambientes de interação e compartilhamento.

Em uma realidade despreparada para absorver a mão de obra idosa que procura por novas ocupações, um número bastante expressivo de mulheres com mais de 60 anos de idade buscam libertação da vida pacata e monótona atrelada à aposentadoria. Com o intuito de se manterem ativas, mulheres aposentadas procuram cada vez mais por reconhecimento intelectual e social. Por isso, vem crescendo de forma exponencial o número de mulheres idosas que fazem das plataformas de comunicação a sua nova ocupação, compartilhando as suas histórias, experiências e vida cotidiana, encorajando assim, diariamente, outras mulheres a enxergarem a velhice sob uma nova lente.

Com isso, a maior familiaridade de mulheres idosas com as tecnologias digitais, têm promovido um ambiente rico em compartilhamento de realidades, que extrapola um pouco os estereótipos formados ao longo de um processo histórico e milenar. Antigamente com os meios de comunicação midiáticas tradicionais não se fazia possível essa relação pessoal entre aquele que produz o conteúdo e aquele que consome e se beneficia das informações. Por meio do auxílio das tecnologias, esperamos coletar relatos para compreender a autoestima e autoimagem de mulheres idosas usuárias de uma plataforma de TICs, em específico o Instagram, durante este período conturbado atrelado a Covid-19.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Dialética do esclarecimento*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1985.
- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALBERTSON, E. R. et. al. Self-compassion and body dissatisfaction in women: A randomized controlled trial of a brief meditation intervention. *Mindfulness*, v. 6, n. 3, p. 444-454, 2015.
- ALMEIDA, V. L. Idosos e computadores: facilitadores e limitadores no processo de aprender. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO PSICOGERONTOLOGIA, 2009.
- ALMEIDA, A. V. et al. A Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), v. 14, n. 1, p. 115-131, 2015.
- ALVES, L. C. et. al. Conceituando e mensurando a incapacidade funcional da população idosa: uma revisão de literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 13, p. 1199-1207, 2008

ALVES, J. E. D. Envelhecimento populacional no Brasil e no mundo. Revista Longevidade, 2019.

ALVIN, Z. M. F. A participação política da mulher no início da industrialização em São Paulo. Revista de História (114), São Paulo, 1983.

ALWAN, A. et al. Monitoring and surveillance of chronic non-communicable diseases: progress and capacity in high-burden countries. The Lancet, v. 376, n. 9755, p. 1861-1868, 2010.

ANGROSINO, M. Etnografia e observação participante: coleção pesquisa qualitativa. Bookman Editora, 2009.

AZEVEDO, C. Tecnologias e pessoas mais velhas: Importância do uso e apropriação das novas tecnologias de informação e comunicação para as relações sociais de pessoas mais velhas em Portugal. Universidade Nova de Lisboa, 2013.

BAKTHIN, M. M. Estética da criação verbal. Martins Fontes, 2011.

BANDEIRA, L.; MELO, H. P.; PINHEIRO, L. S. “Mulheres em dados: o que informa a PNAD/IBGE”, 2008. in Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, julho, 2010.

BARROS, A.; Lehfeld, N. Fundamentos de metodologia científica: Um guia para a iniciação científica. (2ª ed.). São Paulo: Pearson Education Brasil. 2000.

BARROS, Alice Monteiro de. Cidadania, relações de gênero e relações de trabalho. Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região, Belo Horizonte, v. 47, n. 77, 2008.

BARROS, M. M. L. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: Barros, M. M. L. (Org.). Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política, 113-168. (4ª ed.). 3ª reimpressão. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2013.

BARROS J. Médico e influenciador: um estudo sobre a comunicação em saúde no Instagram. In: XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, p. 1-10, 2019. Goiânia, Goiás, 22-24 maio 2019.

BAUMAN, Z. Vida líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMGARTEN, M. Conhecimento e sustentabilidade: políticas de ciência, tecnologia e inovação no Brasil contemporâneo. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 2008.

BINOTTO, C. C. S. O estado da ciência, tecnologia e inovação e sua relação social com a enfermagem no Brasil. 2012. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

BLASI, M. et al. Por uma vida sem vergonha: vulnerabilidade e graça no cotidiano das mulheres a partir da teologia feminista. 2017.

BOURDIEU, P. A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

CACHIONI, Meire. Quem educa os idosos? um estudo sobre professores de universidades da terceira idade. Alínea Editora, 2003.

CALDAS, C. P. Teorias sociológicas do envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, M. (Org.). Tratado de gerontologia. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atheneu, 2007. p. 77-84.

CALDAS, C. P., et. al. A Velhice no Olhar do Outro: Uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho. São Paulo, SP: PUC-SP: Revista Kairós Gerontologia, 2010.

CAMARGO, I.; ESTEVANIM, M.; SILVEIRA, S. C. Cultura participativa e convergente: O cenário que favorece o nascimento dos influenciadores digitais. São Paulo: Revista Comunicare, 2017.

CASTELLS, M. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet, 2013.

CASTRO, Gisela GS. Precisamos discutir o idadismo na comunicação. Comunicação & educação, v. 20, n. 2, p. 101-114, 2015.

CESCO, J. Interdisciplinaridade e temas socioambientais. Estudos Avançados, v.25, n. 72, 2011.

CHAIM, J. et. al. Cuidar em saúde: satisfação com imagem corporal e autoestima de idosos. O mundo da saúde, v. 33, n. 2, p. 175-181, 2009.

CHAIMOWICZ, F. A saúde dos idosos brasileiros às vésperas do século XXI: problemas, projeções e alternativas. Rev. Saúde Pública, v. 31, n. 2, p. 184-200, 1997.

CHARNESS, N., e Walter R. Boot. "Aging e Information Technology Use: Potential and Barriers." Association for Psychological Science. 18 (5): 253-58, 2009.

CHEN, H. Introduction to Special Section on Aging and the Internet. Ageing International, v. 32, n. 1, p. 1-2, 2008.

CORREA, M. R. JUSTO, J. S. Oficinas de Psicologia: memória e experiência narrativa com idosos. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina, v. 1, n. 2, dez. 2010.

CÔRTE, B; OLIVEIRA, B. de; MEDEIROS, S. Brasil: O que fazem os números sobre a pessoa idosa? 2010.

COSTA, J. O vestígio e a áurea: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2004.

COSTA, C. Os midas da web. p. 12-24. Comunicare, Edição especial dos 70 anos da Faculdade Casper Líbero, 2017.

COSTA, C. B. PRODUTOS FLORESTAIS NÃO MADEIREIROS: USO E CONSERVAÇÃO DE *Carpotroche brasiliensis*. 2018. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Viçosa.

COULSON, I. Introduction: Technological challenges for gerontologists in the 21st century. Educational Gerontology, v. 26, n. 4, p. 307-315, 2000.

COVID-19 DATA EXPLORER. Daily new confirmed COVID-19 deaths per million people. Our World Data. Disponível em: <https://ourworldindata.org/explorers/coronavirus-data-explorer>. Acesso em: 21 de agosto de 2022.

DEIFELT, W. Temas e metodologias da teologia feminista. Gênero, 2003.

DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (DATASUS). Indicadores Demográficos. Proporção de idosos por Sexo segundo Região no período, 2012.

DE FREITAS, G. M. Influenciadoras Digitais Maduras (IDM's): As Redes Sociais Como Meio de Poder e Visibilidade Feminina na Maturidade, 2020.

DE OLIVEIRA, I. S.; CIQUINI, F. A influência da estética renascentista na objetificação da mulher na publicidade. PAULUS: COMFILOTEC, v. 10, n. 5, 2019.

DINI, G. et. al. Adaptação cultural e validação da versão brasileira da escala de autoestima de Rosenberg. Revista Brasileira de Cirurgia Plástica, v. 19, n. 1, p. 41-52, 2001.

DÓREA, Egidio Lima. Idadismo: Um mal universal pouco percebido. Unisinos, 2021.

DUARTE, R., et. al. Biomídia e saúde: vantagens e desvantagens em tempo de pandemia. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1042-1063, 2021.

EACH. ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES DA USP. Projeto Político Pedagógico do Curso de Gerontologia, 2008.

ECO, U. História da Beleza. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ENGELS, F. O Materialismo Histórico e a Família. In: ENGELS, F; MARX, K.; FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. Revista Outubro (26), 2016.

ERBOLATO, R. M. P. Contatos sociais: relações de amizade em três momentos da vida adulta. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas (SP), 2001.

ETCHEMENDY, E. (2011, Jan.). An e-health platform for the elderly population: The butler system. Computers & Education, 56, 75-279. (DOI: 10.1016/j.compedu.2010.07.022).

FALEIROS, V. P. Cidadania e direitos da pessoa idosa. 2007.

FERNANDES, J. et al. Gênero, Sexualidade e Envelhecimento: uma revisão sistemática da literatura. Clínica & Cultura, v. 4, n. 1, p. 14-28, 2015.

FONSECA, J. J. S. Apostila de metodologia da pesquisa científica. João José Saraiva da Fonseca. 2002.

FONSECA, C. C. et. al. Autoestima e satisfação corporal em idosas praticantes e não praticantes de atividades corporais. Revista da Educação Física/UEM, v. 25, p. 429-439, 2014.

- FREIRE, P. Educação e Mudança. 16ª ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1990. 79p.
- FREITAS, C. et. al. Identidade do idoso: representações no discurso do corpo que envelhece. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, 2013.
- FUNARI, P. P.. Grécia e Roma. Editora Contexto, 2001.
- GEBARA, I. As águas do meu poço. São Paulo: Brasiliense, p. 66, 2005.
- GIATTI, L.; BARRETO, S. M. Saúde, trabalho e envelhecimento no Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, n. 19, v. 3, p. 759-771, mai./jun., 2003.
- GIULANI, P. C. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: PRIORE, Mary Del (Org.). História das mulheres no Brasil. 10. ed. 5. reimp. São Paulo: Contexto, 2017.
- GLOBO LIVROS. O livro da arte. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.
- GOBBI, M. C.; FILHO, F. M. Televisão e Mídias Digitais na América Latina: um cenário em construção. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação – INTERCOM. São Paulo, v.38, n.1, p. 85-107, jan./jun. 2015.
- GUERRA, A. C. L. C.; CALDAS, C. P. Dificuldades e recompensas no processo do envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. Ciência & Saúde Coletiva, 2010.
- KARHAWI, I. A percepção do público sobre a profissionalização dos blogs de moda: um estudo exploratório. Intercom, 2016.
- HEUER, W. Amizade política pelo cuidado com o mundo: sobre política e responsabilidade na obra de Hannah Arendt. História: Questões & Debates, 2007.
- HILLMAN, J. Cidade & alma. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Projeção da população brasileira. 2004
- IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. O Nascimento de Vênus, Sandro Botticelli. História das Artes, 2022.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2016. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: um panorama da saúde no Brasil. Acesso e utilização de serviços, condições de saúde e fatores de risco e proteção à saúde. IBGE, 2010.
- JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. Dicionário Básico de Filosofia. 3.ed. aum. e atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- KAKESHITA, I. S. Adaptação e validação de escalas de silhuetas para crianças e adultos brasileiros. Ribeirão Preto: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2008.

- KALACHE, A.; VERAS, R.; RAMOS, L. R. “O envelhecimento da população mundial. Um desafio novo”, in Revista Saúde Pública, 1987.
- LEAL, J. C. D. A estética kantiana: o belo, o sublime e a arte. Intuitio, v. 8, n. 2, p. 146-158, 2015.
- LEBRÃO, M. L. O envelhecimento no Brasil: aspectos da transição demográfica e epidemiológica. Saúde Coletiva, v. 4, n. 17, p. 135-140, 2007.
- LEININGER, M. Culture care diversity and universality: a theory of nursing. New York: Natinal League for Nursing Press, 1991. 351 p.
- LEITÃO et al. Pegando o jeito de domar o bicho: o processo de aprendizagem das tecnologias digitais por idosos. Rev. Antropol. São Paulo, v. 62, n. 3, p. 652-658, 2019.
- LÉON, L. P. Censo Demográfico não será realizado em 2021. Rádio Agência Nacional, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencianacional/economia/audio/2021-04/censo-demografico-nao-sera-realizado-em-2021> . Acesso em: 02 de jul. de 2021.
- LERNER, G. A criação do patriarcado: história de opressão das mulheres pelos homens. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019. 375 p.
- LEVY, P. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LIMA, C. M. F.; VERAS, R. Saúde pública e envelhecimento. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 700-701, Junho 2003.
- LIMA, J. S. ENVELHE’SER: UMA FORMA DIGNA E DE DIREITO DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO. Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, v. 16, n. 1, 2018.
- LIMA, J. C. et. al. Inclusão digital para idoso: possibilidades pedagógicas para uma aprendizagem emancipadora e significativa no contexto da pandemia. SEMOC-Semana de Mobilização Científica-Envelhecimento em tempos de pandemias, 2020.
- LIMA, F. R. A internet e o letramento: relações contextuais na sociedade da cibercultura-pós-modernidade fragmentada, discursos móveis e cambaleantes. Revista Docência e Cibercultura, v. 4, n. 1, p. 264-280, 2020.
- LINSINGEN, I. Perspectiva educacional CTS: aspectos de um campo em consolidação na América Latina. Ciência & Ensino, v. 1, p. 1-19, 2007.
- LIRA H., P., & GUIMARÃES P. G. (2016). Velhice e envelhecimento: experiências de idosos em unidades de terapia intensiva. In Arq Med Hosp Fac Cienc Med (Vol. 61). <http://189.125.155.35/index.php/AMSCSP/article/view/126>
- LODOVICI, F. M. M.; SILVEIRA, N. D. R. Interdisciplinaridade: desafios na construção do conhecimento gerontológico. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, v. 16, n. 2, 2011.

- LOPES, A. Os desafios da gerontologia no Brasil. In: Os desafios da Gerontologia no Brasil. 2000.
- LOPES, H. D.; FARIA, W. N. A influência das redes sociais sobre o comportamento do consumidor: um estudo sobre o uso do smartphone no processo de compra. 2018.
- MACHADO, M. M. C. A importância da condição humana na promoção do direito fundamental de proteção ao trabalho da mulher no ordenamento jurídico brasileiro. *Direito Unifacs: revista eletrônica mensal* (212), Salvador, 2018.
- MARCUS, G. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. *Revista de Antropologia*, p. 197-221, 1991.
- MARTINS, E. Constituição e significação de família para idosos institucionalizados: uma visão histórico-cultural do envelhecimento. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 13, n. 1, p. 215-236, 2013.
- MATTAR, F. N. Pesquisa de Marketing: execução, análise, São Paulo: Atlas. 1998.
- MATTELART, Michèle. *Mujeres e Industrias culturales*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1982.
- MATSUO, R. F.; et. al. Imagem corporal de idosas e atividade física. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 2007.
- MAXIMIANO, M. A. et. al. A feminização da velhice: uma abordagem biopsicossocial do fenômeno. *Interfaces Científicas-Humanas e Sociais*, v. 8, n. 2, p. 239-252, 2019.
- MAZZONI, A. A.; TORRES, E. F. Contribuições para uma atenção adequada às pessoas idosas nos serviços de caixa bancário de auto-atendimento. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 13, p. 1227-1236, 2008.
- McKENNA, B. Virtual community. *Online & CD-ROM Review: EmeraldInsight*. Oxford, v. 22, n. 6, p. 399-404, dez.1998.
- MEIRA, Saulo Sacramento et al. Autoestima e fatores associados às condições sociais em idosos. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, v. 9, n. 3, p. 738-744, 2017.
- MELO, R. C. et. al. Desafios da formação em Gerontologia. *Revista Kairós: Gerontologia*, v. 18, n. Especial, 2015.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Qualidade de vida em cinco passos. Atualizado em julho de 2013. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/qualidade-de-vida-em-cinco-passos/>. Acesso em: 21 de agosto de 2022.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. O que é covid-19? Atualizado em 08 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 21 de agosto de 2022.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Painel Coronavírus. Atualizado em 19 de agosto de 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 21 de agosto de 2022.

MOL, A. M. Recomendações de usabilidade para interface de aplicativos para smartphones com foco na terceira idade. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais-Belo Horizonte, 2011.

MOREIRA, R. M. et. al. O artigo "Qualidade de vida, saúde e política pública de idosos no Brasil: uma reflexão teórica". Revista Kairós: Gerontologia, v. 16, n. 1, p. 27-38, 2013.

MOSQUERA, J.J.M. Autoimagem e autoestima: sentido para a vida humana. Porto Alegre: Estudos Leopoldenses, 1976.

MOURA, G. A.; SOUZA, L. K. Autoimagem, socialização, tempo livre e lazer: quatro desafios à velhice. Textos & Contextos, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 172-183, jan./jul. 2012.

NASRI, F. O envelhecimento populacional no Brasil. Einstein, v. 6, n. Supl 1, p. S4-S6, 2008.

NARVAZ. Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. Psicologia em estudo, Maringá, v. 11, n. 3, 2006.

NERI, A. L. et al. Processo gradual e contextualizado da construção interdisciplinar do programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Unicamp. Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia e Inovação. São Paulo (SP): Manole, 2011.

NERI, A. L. Qualidade de vida e idade madura. 2 ed. São Paulo: Papyrus, 1999. 285p.

NETO, A. P., FLYNN, M. B. Internet e saúde no Brasil [recurso eletrônico]: desafios e tendências. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2021.

NICODEMO, D.; GODOI, M. P. Juventude dos anos 60-70 e envelhecimento: estudo de casos sobre feminização e direitos de mulheres idosas. Revista Ciência em Extensão, v. 6, no. 1, 2010.

NIELSEN. Consumidores da terceira idade, desafios e oportunidades. 2018.

OberCom. Sociedade em Rede. A Internet em Portugal 2012. Lisboa: Publicações Obercom, 2012.

OLINTO, M. T. A. Reflexões sobre o uso do conceito de gênero e/ou sexo na epidemiologia: um exemplo nos modelos hierarquizados de análise. Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 1, p. 161-169, 1998.

OLIVEIRA, A. C. Aphrodite de Milo na transversalidade do sentido de mulher, beleza e moda. 2005.

OLIVEIRA, Anderson Silva. Transição demográfica, transição epidemiológica e envelhecimento populacional no Brasil. Hygeia-Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde, v. 15, n. 32, p. 69-79, 2019.

ORLANDI, B. D. M.; PEDRO, W. J. A. Pessoas idosas e a busca por informações em saúde por meio da internet. Revista Kairós: Gerontologia, v. 17, n. 2, p. 279-293, 2014.

ORLANDI, B. D. M. ; PEDRO, W. J. A. A Gerontologia e o campo CTS. In: Wanda A. Machado Hoffman; Valdemir Miotello; Wilson José Alves Pedro. (Org.). Diferentes conexões em Ciência, Tecnologia e Sociedade. 1ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, v. 1, p. 29-38

PALÁCIOS, M. O programa Forte de Sociologia do Conhecimento e o princípio da causalidade. In: PORTOCARRERO, V. (Org.). Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. p.175-198.

PALÁCIOS, E. M. G.; GALBARTE, J. C. G.; CERZO, J. A. L.; LUJÁM, J. L.; GORDILLO, M. M.; OSORIO, C.; VALDÉS, C. Ciencia, Tecnología y Sociedad: una aproximación conceptual. Cuadernos de Iberoamérica. Madrid/Espanha, 2001. P. 11-30, 119-150.

PEDRO, W. J. A; ORLANDI, B. D. M.; SILVA, M. C.; PERSEGUINO, A. S. Interfaces CTS e gestão pública: “o estado da arte”. Simpósio de Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (3º:2012: Itajubá, MG) P.67.

PEDRO, W.J.A. (2013, setembro). Reflexões sobre a promoção do envelhecimento ativo. Revista Kairós Gerontologia,16(3), 9-32. ISSN 1516-2567. ISSN e 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

PEDRO, W. J. A. Aging process assets and social dimensions of science and technology. Gerontechnology, v. 15, p. 65-97, 2016.

PEDRO, W. J. A.; OGATA, M. N.; FRIZZO, H.C.F ; FRUNIVAL, A. C. ; ORLANDI, B. D. M. . Acesso e uso de Novas Tecnologias da Informação e Comunicação para a promoção do envelhecimento ativo: para quê? Para quem. In: André Pereira Neto, Matthew B. Flynn. (Org.). Internet e saúde no Brasil [recurso eletrônico}: tendências e desafios. 1ed.São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021, v. 1, p. 212-237.

PEREIRA NETO, André; Matthew B. Flynn. (Org.). Internet e saúde no Brasil [recurso eletrônico}: tendências e desafios. 1ed.São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021.

PEREZ, O. C.; RICOLDI, A. M. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. In: Congresso Latino-americano de Ciência Política (ALACIP). 2019.

PINQUART, M.; SÖRENSEN, S. Gender differences in self-concept and psychological well-being in old age: A meta-analysis. The Journals of Gerontology Series B: Psychological sciences and social sciences, v. 56, n. 4, p. P195-P213, 2001.

PINTO, J. M.; NERI, A. L. Factors associated with low life satisfaction in community-dwelling elderly: FIBRA Study. Cadernos de saúde pública, v. 29, p. 2447-2458, 2013.

PLATÃO. A República. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2000, p.352.

POCAHY, F. A Idade: um dispositivo. A geração como performativa. Provocações discursivo-desconstrucionistas sobre corpo-gênero-sexualidade. Polis e Psique, Vol.1, Número Temático, p. 195-210. 2011.

PRENSKY, M. Digital Native, digital immigrants. Digital Native immigrants. On the horizon, MCB University Press, v. 9, n. 5, Oct. 2001.

QUEIROZ M. O corpo de Vênus: mediações sociais formativa dos valores estéticos corporais em adolescentes do sexo feminino na contemporaneidade. 2004.

RIBEIRO, E. G. et. al. Saúde mental na perspectiva do enfrentamento à COVID-19: manejo das consequências relacionadas ao isolamento social. Rev Enfermagem e Saúde Coletiva, v. 5, n. 1, p. 47-57, 2020.

ROSARIO, N. M. S. Dimensões da ciência e tecnologia e suas interfaces na atuação do bacharel em Gerontologia. 2021.

ROSENBERG, M. Society and the adolescent self image. Princeton: Princeton University Press, 1965.

SÁ, B. H. S. P. et. al. Real ou Irreal? Dove: A campanha da real beleza. In: Anais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), 2014.

SAAD, P. M. Envelhecimento populacional: demandas e possibilidades na área de saúde. Séries Demográficas, 2016.

SANCHES, M. Brasileiro perdeu quase 2 anos de expectativa de vida na pandemia, e 2021 deve ser pior, diz demógrafa de Harvard. BBC News Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56743837>>. Acesso em: 01 de jul. de 2021.

SANTOS, C. R. et al. O impacto do feminismo e o caminhar para si no processo de formação através do mestrado profissional na Faculdades EST. 2017.

SANTOS, C. H. S.; OLIVEIRA, C. C.; FACCI, L. L. et al. A Interdisciplinaridade na Administração Pública: Uma visão latino americana. In: III Congresso Internacional de Desempenho do Setor Público – CIDESP, 2019, Florianópolis/SC. Anais eletrônicos.

SARVO, D.; FRANCO, N. G. Produção do conhecimento em Políticas Públicas de C&T no Brasil: um estudo bibliométrico. Revista Sinais, v. 21, n. 1, 2017.

SCARABOTO, D. Comunidades on-line como fonte de informação em marketing: reflexões sobre possibilidades e práticas. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. v. 8,n. 3, p. 26-41, set - dez. 2006.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, abr. 2005.

SILVA, M. E. V. Se fosse tudo bem, a velhice seria boa de enfrentar! Racionalidades leigas sobre envelhecimento e velhice: um estudo no Norte de Portugal. Tese de doutorado em Sociologia. Lisboa, Portugal: Universidade Aberta, 2006.

SILVA, L. R. F. From old age to third age: the historical course of the identities linked to the process of ageing. História, ciências, saúde-Manguinhos, v. 15, p. 155-168, 2008.

SIMIÉLI, I., et. al. Realidade do envelhecimento populacional frente às doenças crônicas não transmissíveis. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, n. 37, p. e1511-e1511, 2019.

SIMÕES, I. A. G. A Sociedade em Rede e a Cibercultura: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação. *Revista eletrônica temática*. v. 5, n. 5, p.1-11, 2009.

SIQUEIRA, C. B.; BUSSINGER, E. C. A.. Estruturalismo e pós-estruturalismo: uma análise comparativa das contribuições teóricas feministas de Simone de Beauvoir e Judith Butler. *Anais do XI Seminário Internacional Fazendo Gênero [recurso eletrônico]: 13th. Women's Worlds Congress* (Org. Jair Zandoná, Ana Maria Veiga e Cláudia Nichnig). Florianópolis: UFSC, 2018.

SOUZA Q., et. al. O impacto do envelhecimento em tempos de pandemia e isolamento social na terceira idade. *LINKSCIENCEPLACE*, v. 7, n. 3, 2020.

STEINEM, Glória. *A liberação da mulher*. Rio de Janeiro: Salvat, 1979.

STUNKARD, A. J. Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. *Res. Publ. Assoc. Res. Nerv. Ment. Dis.*, v. 60, p. 115-120, 1983.

SUENAGA, C. et. al. Conceito, beleza e contemporaneidade: fragmentos históricos no decorrer da evolução estética. Universidade do vale do Itajaí-UNIVALI. Florianópolis, 2012.

THIESEN, J. S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, p. 545-554, dez. 2008.

TIAN, Q. Intergeneration social support affects the subjective well-being of the elderly: Mediator roles of self-esteem and loneliness. *Journal of health psychology*, v. 21, n. 6, p. 1137-1144, 2016.

TOLSTÓI, Leon. *O que é arte?*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

TRENTINI, M. et. al. Enfrentamento de situações adversas e favoráveis por pessoas idosas em condições crônicas de saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 13, n. 1, p. 38-45, 2005.

TRIBESS, S. Percepção da imagem corporal e fatores relacionados à saúde em idosas. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

UFSCar. Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Gerontologia, 2008.

VERASZTO, E. V. et al. Tecnologia: Buscando uma definição para o conceito. *Revista de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação*, Porto, n. 7, p.60-85, 2008.

VERAS, R. A era dos idosos: desafios contemporâneos. In: *Saúde do idoso: a arte de cuidar*. 2004.

VERAS, R. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. *Revista de Saúde Pública*, v. 43, p. 548-554, 2009.

VERAS, R. P.; CALDAS, C. P. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. *Ciência & Saúde Coletiva*, n. 9, v. 2, p. 423-432, 2004.

VERZANI, R. H. Novas tecnologias digitais e atividade física: desafios contemporâneos. 2020. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2020.

WADE, G. H. Perceptions of instructor caring behaviors, self-esteem, and perceived clinical competence: A model of the attitudinal component of professional nurse autonomy in female baccalaureate nursing students. 2019. Tese de Doutorado.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Resumo: Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. 2015.

WONG, L. L. R.; CARVALHO, J. A. O rápido processo de envelhecimento populacional do Brasil: sérios desafios para as políticas públicas. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 23, p. 5-26, 2006.

YOKOTA, R.T.C. et. al. Contribution of chronic conditions to functional limitations using a multinomial outcome: results for the older population in Belgium and Brazil. *Archives of Public Health*, v. 75, n. 1, p. 68, 2017.

ZANI, R. Beleza e auto-imagem. Rio de Janeiro: Revinter, 1998. 130p.